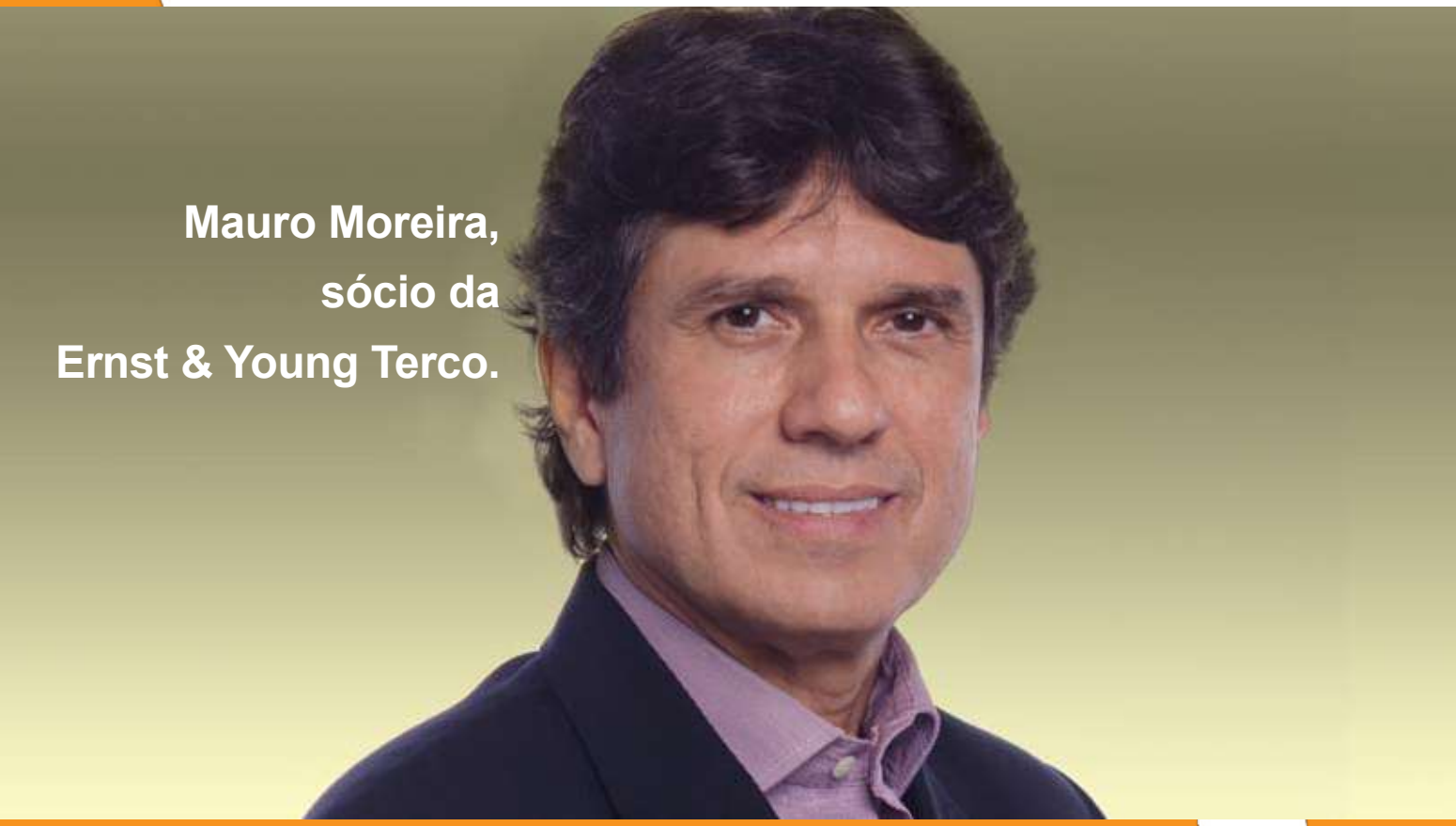
REVISTA IBEF

INSTITUTO BRASILEIRO DE EXECUTIVOS DE FINANÇAS

ANO IX - NÚMERO 44 - BIMESTRAL - 2013
www.ibefrio.org.br



Mauro Moreira, sócio da Ernst & Young Terco.

Embaixador da França no Brasil: de invasores a parceiros.

Diretor do HSBC: comércio mundial e moeda chinesa.

Vice-presidente da GXS: abrir-se ao novo para evoluir.

CEO da Suzano e a atual relação empresas x consumidores.

III Prêmio IBEF de Sustentabilidade certificará e premiará *cases*.

IBEF
Rio de Janeiro

WMcCANN | BRADESCO
Crédito sujeito a aprovação.
Sua empresa tem mais oportunidades do que barreiras.
Há 70 anos, o Bradesco amplia o crédito por você.
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933
bradesco.com.br
twitter @Bradesco
Curtir facebook.com/Bradesco
Bradesco
70 anos

Editorial

A Revista IBEF, os leitores e os anunciantes.

Com uma funcionalidade muito mais interativa, os visitantes do nosso site já podem acessar a **Revista IBEF** on-line. Por meio da aba "Publicações" em www.ibefrio.org.br é possível navegar em todas as páginas dos últimos números publicados.

O objetivo é oferecer ainda mais acessibilidade aos serviços e informações, colocando à disposição de todos diversos canais para interação entre o IBEF, o leitor e o anunciante.

A publicação, que reúne os principais assuntos de interesse econômico-financeiro do país, é um importante instrumento de informação. Com matérias e artigos dedicados ao mercado financeiro, sobre a ótica de executivos de diversos segmentos da economia, além de entrevistas e pesquisas setoriais. As reportagens publicadas acompanham o cotidiano brasileiro, além de matérias especiais sobre o perfil de grandes empresas, oportunidades em vários setores, operações financeiras, fusões e aquisições, entre outros assuntos pautados pela equipe editorial. Participam da revista personalidades de peso do governo e do mundo corporativo, como ministros, chefes de Estado, embaixadores e presidentes de grandes empresas brasileiras.

Não é necessário realizar cadastro, basta acessar o site. Confira!

Junho 2013

Marcos Chouin Varejão

Índice

EDITORIAL.....1
Marcos Varejão

CAPA.....2
Mauro Moreira, sócio da Ernst & Young Terco.

OPINIÃO.....6
Marcelo Kekligian.
O poder dos dados analíticos para o crescimento dos negócios.

OPINIÃO.....8
Bruno Delaye.
A França no Estado do Rio de Janeiro: de invasores a parceiros.

OPINIÃO.....10
Marcelo Ramos. Abrir-se ao novo para evoluir.

INTERNACIONAL.....12
Brasil e o crescimento da economia mundial.

SEGUROS.....14
Lauro Vieira de Faria. Paradoxos do emprego.

NACIONAL.....16
O Palácio da Fazenda, no Rio de Janeiro, faz 70 anos e será restaurado.

NACIONAL.....18
Pelo terceiro ano, IBEF certificará e premiará cases de Sustentabilidade.

OPINIÃO.....20
Maguns Montan.
Comércio mundial deve aumentar com o uso do renmimbi como moeda internacional.

OPINIÃO.....22
Pedro Dutra. A nova cozinha brasileira.

DAY TRADE.....24
Coluna de informação.

OPINIÃO.....28
Sérgio Mena Barreto.
A PEC 115/11 e a diminuição de impostos sobre medicamentos.

OPINIÃO.....29
Fernando Almeida Prado: segurança da informação como aliada à gestão de riscos.

NACIONAL.....30
Financiamento de veículos bate recorde.

PERFIL.....32
BKR - Lopes, Machado Auditores.

NACIONAL.....33
O brasileiro frente a frente com sua expectativa de vida e aposentadoria.

INTERNACIONAL.....35
Os desafios do brasileiro Roberto Azevêdo como presidente da OMC.

ENTREVISTA.....38
Guy Sodré, profissional e consultor de varejo.

ECONOMIA VERDE.....40
Coluna de informação.

ESTANTE.....41
Coluna sobre publicações editoriais.

NACIONAL.....42
Lucas Varnieri Rosa.
Educação e mercado de capitais como opções de crescimento para o Brasil.

MERCADO DE CAPITAIS.....43
Informações do mercado financeiro.

NACIONAL.....44
Retrato 3 x 4 do mercado de fusões e aquisições no primeiro quadrimestre de 2013.

OPINIÃO.....45
José Carlos Freitas.
Compras do governo com qualidade e economia.

JURISPRUDÊNCIA.....46
Ricardo Trotta.
Internet em excesso reduz produtividade do funcionário.

OPINIÃO.....48
Marcos Paim C. Fonteles.
Um a um, sem erros e a custos menores.

Mauro Moreira, sócio da Ernst & Young Terco.

Revista IBEF - Fale-nos sobre seu currículo.

Possuo 30 anos de experiência, dos quais 10 dedicados à Ernst & Young Terco. Há 16 anos, atuo como responsável por serviços de auditoria de demonstrações financeiras,liderando o processo inicial de adoção dos princípios contábeis internacionais (IFRS) no Brasil.

Liderei os serviços prestados pela Ernst & Young Terco em IPOs para empresas como HRT Participações em Petróleo, PDG Realty e Multiplan Empreendimentos Imobiliários. Liderei também nossos serviços de auditoria para empresas como Telecom Itália Mobile, Unimed, Grupo EBX e Coca-Cola Indústrias. Hoje, além de sócio líder do escritório da Ernst & Young Terco no Rio de Janeiro, atuo como conselheiro efetivo do Conselho Regional de Contabilidade do Rio de Janeiro e diretor da Amcham Rio.

Revista IBEF - Quais são as principais atividades desenvolvidas pela Ernst & Young?

A Ernst & Young é uma empresa global, presente em mais de 140 países, que oferece serviços de Auditoria, Impostos, Transações Corporativas e Consultoria. Em todo o mundo, nossos 152 mil funcionários de alto desempenho estão unidos por valores pautados pela ética e pelo compromisso constante com a qualidade. No Brasil, a Ernst & Young Terco conta com 4.900

profissionais que dão suporte e atendimento a mais de 3.400 clientes de pequeno, médio e grande porte.

Revista IBEF - A Ernst & Young desenvolveu um programa, o Winning Women Brasil - Empreendedoras de Sucesso, pioneiro no país. Quais são os objetivos do programa?

Winning Women é um programa de apoio ao empreendedorismo feminino e que reflete o comprometimento da empresa com a igualdade de gênero e o fortalecimento das mulheres no ambiente corporativo. A Iniciativa visa reconhecer, inspirar e aconselhar mulheres com visões inovadoras para os negócios.

Quinze empreendedoras serão reconhecidas em agosto de 2013 e terão aprendizado e coaching de mulheres notáveis como Luiza Helena Trajano (Magazine Luiza), Sonia Hess (Dudalina), Deborah Wright (conselheira Renner), entre outras. O projeto visa ainda criar uma rede influente para partilhar histórias no Brasil e no exterior, conectar as empreendedoras com outras organizações e indivíduos que possam apoiar suas empresas, organizações ou comunidades na jornada para o crescimento.

Revista IBEF - Já é possível mensurar os resultados do programa?

No Brasil, iniciamos o projeto esse ano e as empreendedoras ainda não foram selecionadas e tampouco iniciaram o processo de coaching para jornada de crescimento de suas empresas. Porém, nos Estados Unidos, onde o Winning Women já está na 5ª edição, as empreendedoras participantes tiveram uma média anual de crescimento da receita das empresas de 49%. Já a média anual de aumento da geração de empregos ficou em 26% no mesmo período. Outros países também promovem o programa: Indonésia (3ª edição) e Reino Unido e África do Sul (primeira vez).

Revista IBEF - Quais são os principais desafios para as mulheres empreendedoras em todo o mundo?

O DNA empreendedor independe de gênero, mas notamos que mulheres têm menos tolerância ao risco e por isso, aproveitam menos oportunidades de financiamento para iniciar ou ampliar o seu negócio, por medo de endividamento.

Outro ponto importante é que mulheres têm mais dificuldade para criar um networking para negócios. Enquanto os homens se reúnem em ambientes informais ou em *happy hours*, as mulheres ficam de fora desses círculos genuinamente masculinos. Por isso, o Winning Women também visa criar uma rede influente entre empreendedoras e mulheres de negócios.

Revista IBEF - Em sua opinião, como as mulheres impactam o crescimento econômico?

No *round table* de ontem, a Beth Brooke mencionou uma pesquisa em que as mulheres serão x% da força de trabalho até 2020. Talvez seja bom achar essa pesquisa e me passar para elaboração da resposta ou até mesmo vocês de marketing já elaborarem um *draft* de resposta.

Um estudo recente da Ernst & Young chamado Grandes Empreendedoras revela que os rendimentos globais das mulheres devem crescer de US$ 13 trilhões para US$ 18 trilhões nos próximos cinco anos – o aumento corresponde à quase duas vezes o PIB da China e Índia juntas. Trata-se de uma economia gigantesca.

Revista IBEF - Para você, quais são as mulheres mais influentes do mundo e por quê?

As mulheres estão ganhando cada vez mais destaque na política, artes, e negócios. Hoje, o Brasil é presidido por uma mulher, considerada a terceira mais poderosa do mundo pela revista Forbes, atrás apenas de Angela Merkel, chanceler da Alemanha, e Hillary Clinton, a secretária de estado dos EUA. Nos negócios, há muitas mulheres que se destacam como as CEOs das empresas PepsiCo, Kraft, IBM, HP, Yahoo!. A seleção da Forbes também inclui Beth Brooke, vice presidente de políticas públicas da Ernst & Young e líder do projeto Winning Women. As empresas brasileiras também têm colocado mulheres no comando e em conselhos de administração – exemplos não faltam, como Graça Foster, da Petrobras; e Adriana Machado, da GE. Além de mulheres empreendedoras como Sonia Hess, da Dudalina, Luiza Helena Trajano, do Magazine Luiza, entre outras tantas que provam todos os dias que competência, talento e sucesso não são uma questão de gênero.

Revista IBEF - A Ernst & Young foi reconhecida como a melhor marca em sustentabilidade, de acordo com uma pesquisa inglesa independente. Quais são as ações desenvolvidas nesta área?

Educação, Empreendedorismo e Meio Ambiente são os três pilares que sustentam a atuação da Ernst & Young Terco e as bases que garantem a evolução do desempenho socioambiental e econômico. Nossa visão de responsabilidade socioempresarial resulta do entendimento de que somos formadores de capital intelectual. Nossa capacidade de produzir e disseminar conhecimento representa geração de valor para nossos públicos de interesse.

Por isso, investimos R$ 52 milhões em desenvolvimento de pessoas, por meio da Ernst & Young University, que pelo terceiro ano é considerada a melhor universidade corporativa do país; incentivamos e apoiamos o empreendedorismo por meio de eventos como o CEO Summit que reuniu cerca de 1,8 mil pessoas em cinco cidades, incluindo o Rio de Janeiro; projetos como o prêmio Empreendedor do Ano e o mais recente Winning Women.

Revista IBEF - Quais suas expectativas sobre a economia brasileira e o papel do Brasil no atual cenário mundial?

Ano passado, lançamos um estudo chamado "A hora de investir - sobre a atratividade de investimentos estrangeiros diretos no Brasil." A pesquisa entrevistou 250 executivos globais e 83% deles disseram acreditar que a atratividade brasileira aumentará nos próximos três anos e 78% o consideram um país atrativo para investimentos.

Temos pontos fortes como uma economia estável, um mercado doméstico crescente (o que vem fomentando investimentos nas áreas de Varejo e Bens de Consumo), e nossas reservas de recursos naturais. Por outro lado, nosso Calcanhar de Aquiles ainda é a escassez de mão de obra qualificada. Quando soma-se a isso a rigidez de nossa legislação trabalhista, somos menos atraentes do que países como China, Rússia, e México. Também é muito importante investir em infraestrutura, termos incentivos para diminuir a corrupção, melhorar a segurança pública e termos um sistema fiscal mais transparente.

Revista IBEF - Segundo pesquisa realizada pela Ernst & Young divulgada recentemente, as pequenas e médias empresas são responsáveis

“Nosso objetivo é sermos melhores e líderes nos segmentos em que atuamos, ganhando o market share em nossas quatro linhas de serviços: auditoria, consultoria, impostos e transações corporativas.”

pela criação da metade dos empregos no G20. A criatividade do brasileiro contribuiu para o crescimento desse número?

O empreendedorismo é força vital da economia seja em países desenvolvidos, seja em mercados em rápido crescimento. Essa pesquisa chamada “Funding the Future” concluiu que enquanto as pequenas e médias empresas criam metade dos empregos na maioria dos países do G20, elas recebem apenas 6% do investimento. Claramente, há um desequilíbrio. Muitos postos de trabalho poderiam ser criados com mais apoio e financiamento.

Revista IBEF - Sobre carreira, a Ernst & Young está na lista das melhores empresas para se trabalhar, pela Revista Fortune, há 15 anos. Quais são as ações desenvolvidas em benefício dos funcionários?

Esse reconhecimento não é só lá fora. No Brasil, também fomos considerada nos últimos dois anos uma das melhores empresas para se começar a carreira pela revista Você S/A. Além de vencermos por três vezes como o melhor programa de educação corporativa do país, segundo o International Quality & Productivity Center (IQPC).

Esse prêmio não é à toa. Como uma empresa de serviços, temos nas pessoas nosso principal ativo. Investimos mais de 5% de nosso faturamento em desenvolvimento de talentos. Além disso também buscamos promover a diversidade e inclusão e adotamos desde 2011 um Comitê de Diversidade e Inclusão. Nossos profissionais contam com uma série de benefícios como participação nos lucros e resultados; vale-refeição; vale alimentação; vale-combustível; auxíliocreche; desconto em farmácias; reembolso de despesas com registros em conselhos profissionais; seguro de vida; assistência médica; previdência privada, etc.

Revista IBEF - A Ernst & Young é uma empresa global num mercado altamente concorrido, inclusive no Brasil. Quais os objetivos da empresa para 2013 – 2014 e como foi o resultado financeiro no Brasil em 2012?

No ano fiscal 2012 (de julho de 2011 a junho de 2012), a Ernst & Young Terco teve crescimento de 24% em seu faturamento e nos aproximamos de nosso primeiro R$1 bilhão. O bom desempenho da firma no Brasil colaborou para que a América do Sul fosse a subregião de maior crescimento dentro da rede global.

A companhia tem investido no Brasil. Em 2010, adquiriu a Terco, em 2012, incorporou a Axia, e é apoiadora oficial dos Jogos Rio 2016. Nossa meta não é sermos a número um em faturamento, uma vez que não atuamos mais no mercado de terceirização e implementação de sistemas de gestão. Nosso objetivo é sermos melhores e líderes nos segmentos em que atuamos, ganhando o *market share* em nossas quatro linhas de serviços: auditoria, consultoria, impostos e transações corporativas. Felizmente, temos atingido esse objetivo.

O poder dos dados analíticos para o crescimento dos negócios.

*Marcelo Kekligian**

A constante oferta de novas tecnologias, consumidores com expectativas mais elevadas e o aumento da concorrência, entre outros fatores, indicam que as maneiras tradicionais de ida ao mercado usadas por instituições financeiras podem e devem ser melhoradas. É preciso saber quais clientes serão rentáveis e como alinhar estratégias às necessidades de cada um. Essencialmente, isso significa sair de uma abordagem top-down para uma bottom-up, a começar pelo cliente. O segredo é manter-se próximo a ele para compreender seu comportamento e suas necessidades.

É aí que a inteligência no uso de dados analíticos entra em cena. Conhecer os consumidores e ser capaz de agir com base nas informações que se tem sobre eles é o que sustenta o ciclo de negócios. É assim que a Serasa Experian tem ajudado seus clientes a elevar o poder de análise das bases disponíveis, unindo e transformando os mais variados dados em informação relevante e diferenciada.

Cada vez mais os consumidores brasileiros esperam que os bancos entendam suas necessidades e ofereçam serviços relevantes.

Instituições financeiras mais eficientes utilizam uma abordagem de decisão de forma contínua e escalável que combina dados, análise, decisão e execução. Elas precisam dispor da maior quantidade possível de informações atualizadas sobre os consumidores e que estejam de acordo com as regulamentações do local onde operam. A próxima etapa é utilizar as ferramentas analíticas que combinam e atribuem sentido a esses dados para prever comportamento, como a probabilidade de que um cliente pague um empréstimo. Com o perfil detalhado, é possível saber quais produtos se encaixam no estágio da vida do consumidor, com oferta e precificação adequadas.

Os modelos analíticos precisam compreender os dados mais relevantes. As informações devem ser traduzidas em estratégia de negócio e na decisão em relação ao consumidor final. A instituição pode ser capaz de prever a probabilidade de que um cliente contraia dívida de cartão de crédito ou de que pague a dívida em prestações regulares, mas deve definir criteriosamente o limite de crédito que pode oferecer e a taxa.

Deve-se encontrar o equilíbrio: o limite não pode ser muito alto ou o cliente se torna superendividado, e não pode ser muito baixo a ponto de que tenha restrição no gasto. Além disso, as instituições devem criar ambientes para testar estratégias em paralelo com grupos de consumidores, usando um modelo campeão e outros desafiadores.

Por fim, a decisão precisa chegar ao cliente – seja na agência, ao telefone ou online – e precisa estar disponível no momento em que a instituição interage com ele, observando-se todas as informações disponíveis de maneira inteligente. A tecnologia é crítica para fazer com que isso aconteça.

Cada vez mais os consumidores brasileiros esperam que os bancos entendam suas necessidades e ofereçam serviços relevantes. As instituições capazes de desenvolver e empregar estratégias com base no conhecimento granular sobre os clientes são aquelas que terão mais benefícios.

** Presidente de Decision Analytics da Serasa Experian e Experian América Latina.*

AGERIO
Agência Estadual de Fomento

Empresas de êxito fazem parcerias de sucesso. Financie o seu crescimento com a AgeRio e entre para esse time.

Microsoft
SCHULZ
piraquê
Marília
HYGEIA biotech
KOM store
Kinoplex
A NOVA GERAÇÃO SILVERIANO RIBEIRO
SuperBom
SPOLETO
GIRAFFAS
Domino's Pizza
Bob's
NOVA A3
MegaMatte
ÁGUIA
ELOS DO BRASIL
L'AQUA
usimeca
Pier Mauá
GARYTOS
XAMEGO BOM
Axis
PRODUTOS SIDERÚRGICOS
ARGAMIL
COMPRE QUALIDADE GASTANDO MENOS

GOVERNO DO Rio de Janeiro
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, ENERGIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS

AgeRio
www.agerio.com.br
ouvidoria@agerio.com.br

AgeRio: Av. Rio Branco, 245 - 3º andar
Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20040-917
Tel.: (21) 2333-1212

Faz pela sua empresa. Faz pelo Rio.

A França no Estado do Rio de Janeiro: de invasores a parceiros.

*Bruno Delaye**

A ligação do Rio de Janeiro com a França vem de muito longe. Começou com a tentativa de ocupação de 1555, ano em que o Almirante Villegagnon instalou a França Antártica numa ilha da Baía de Guanabara, onde hoje funciona a Escola Naval da Marinha do Brasil. Nossas relações bilaterais são, portanto, muito antigas. Não comentarei os emocionantes episódios comuns da nossa história – concentrando-me, antes, nas nossas relações econômicas. Elas também são muito antigas.

Existem 500 filiais francesas no Brasil, onde as principais empresas francesas estão presentes – para muitas delas, há mais de 50 anos –, empregando ao todo 500 000 brasileiros. Estas empresas vem crescendo e continuam investindo no Brasil, e em especial, no Estado do Rio de Janeiro, que representa doravante um importante polo atrativo, em escala internacional. Atualmente, conta-se cerca de cem implementações industriais e comerciais no estado. Citaria, por exemplo, os grupos Renault/Nissan, Alstom, Safran, L'Oréal, Michelin, Technip, DCNS, ou GDF-Suez, para não mencionar outros. Estão todos construindo novas usinas ou centros de pesquisa e desenvolvimento. Estão presentes na maioria dos setores da indústria, tais como os materiais de construção, a siderurgia, a aeronáutica, a eletrotécnica, as tecnologias da informação, o setor do gás e do petróleo, claro, mas também, o varejo – sem esquecer de algumas firmas no setor de serviços, em razão de recentes aquisições.

Estas empresas são maioritariamente de capital francês, mas elas são, em primeiro lugar e antes de tudo, brasileiras – por sua estratégia, sua mão de obra, sua pesquisa e seus planos de expansão. É assim que elas vivem e agem. É assim, também, que consideramos que deve ser, do ponto de vista do poder público, o investimento das empresas francesas no Brasil e no Rio de Janeiro.

"As oportunidades oferecidas pelo Estado do Rio de Janeiro são muitas, quer em razão de sua localização, seus recursos petrolíferos, suas infraestruturas em pleno desenvolvimento, sua mão de obra, ou seus setores de excelência – em especial, na exploração de petróleo e nas biotecnologias."

Nossas empresas investiram muito no Brasil. Segundo o Banco Central, os investimentos diretos franceses ultrapassam os trinta e um bilhões de euros (dois mil e onze), e mais de dois vírgula dois bilhões de euros em novos investimentos foram contabilizados em dois mil e doze.

Segundo o Valor Econômico, entre as duzentas principais sociedades brasileiras em termos de faturamento, treze são de capitais franceses. É mais do que a Alemanha, o Reino Unido, a Espanha, a China, a Argentina e qualquer outro país, à exceção dos Estados Unidos (dezesseis). O emprego é, com certeza, uma demonstração da integração delas na rede local, mas as empresas franco-brasileiras vão além, contribuindo para a competitividade e o desenvolvimento do país.

As oportunidades oferecidas pelo Estado do Rio de Janeiro são muitas, quer em razão de sua localização, seus recursos petrolíferos, suas infraestruturas em pleno desenvolvimento, sua mão de obra, ou seus setores de excelência – em especial, na exploração de petróleo e nas biotecnologias. As empresas francesas souberam reconhecê-lo.

A França também estabeleceu fortes parcerias com o Estado do Rio de Janeiro, a nível estadual. Sendo assim, a Agência Francesa de Desenvolvimento aprovou, em outubro de 2012, um empréstimo de 300 milhões de Euros ao Estado do Rio de Janeiro, para apoiar a implementação de seu plano de infraestruturas de transporte – visando, em particular, melhorar o acesso da população à mobilidade urbana.

No sentido inverso, gostaria também de frisar que o Estado do Rio de Janeiro é bem vindo em nosso país. A França é o primeiro destino dos investimentos industriais na Europa; é o 2° maior mercado e o 1º destino turístico; ela é a primeira colocada no apoio à pesquisa e desenvolvimento; ela é o 2º principal país no acolhimento de estudantes estrangeiros; e ocupa a 2ª colocação europeia no concernente à qualidade de vida.

Cabe lembrar que a Europa é, hoje, o primeiro mercado para o Brasil – mas também, para o Estado do Rio de Janeiro, na frente da China. A este respeito, gostaria também de tranquilizá-los. A Europa vem adotando medidas fortes para sair da situação de crise que alguns de seus membros vêm atravessando. Fortalecemos o papel do Banco Central Europeu. Assinamos um tratado europeu para sanar as finanças públicas dos Estados, assim como o Brasil o fez certa época, com a Lei de Responsabilidade Fiscal – seguida de forma exemplar pelo Estado do Rio de Janeiro. Estamos realizando a União bancária, com uma maior supervisão dos bancos.

Vocês percebem, vocês sabem que a Europa e o Euro são uma grande realização política; não se trata, de forma alguma, de que um ou outro desapareça. O Brasil e, de forma toda especial, o Estado do Rio de Janeiro não devem, portanto, titubear: venham para a França, assim como as empresas francesas vieram para cá, para sua bela e próspera região!

Embaixador da França no Brasil.

Abrir-se ao novo para evoluir.

*Marcelo Ramos**

Do início da civilização até os dias de hoje, as formas de aquisição de bens utilizadas pelo homem passaram por grandes mudanças, influenciadas pela tecnologia e pelo desenvolvimento do sistema capitalista. Os meios de troca registrados na história vão desde o escambo à utilização das moedas, cédulas, cheques, ordens de serviços, cartões e, mais recentemente o *mobile payment*.

Apesar de todas essas formas de pagamento estarem disponíveis, o uso do cartão de crédito e débito tem crescido e se espalhado exponencialmente no mercado. Segundo a Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços (Abecs), 72% dos brasileiros usam cartão de débito ou crédito, e nos últimos anos houve considerável crescimento em todos os setores da economia. Somente nos três primeiros meses deste ano, o setor de comércio atacadista e varejista aumentou 38% na aceitação de cartões. No setor primário, indústria e serviços básicos, que contempla educação e saúde, o crescimento foi de 36%. Já na área de outros serviços e profissionais liberais, como médicos, advogados, taxistas, e cabeleireiros, entre outros, o incremento foi de 29%.

Diante das possibilidades de pagamento em dinheiro, cheque, cartão de crédito ou débito, é preciso que o estabelecimento esteja preparado para gerenciar o que entra em caixa e manter a operação funcionando de forma saudável. E este tornou-se o grande desafio para as tesourarias. É preciso ter informações categorizadas e saber qual foi a forma de pagamento, a fim de ter o controle do que já está em caixa, do que vai entrar ou do que ainda vai vir por meio de um terceiro, evitando assim que falte dinheiro na conta ou que este fique parado, sem aplicação. Além disso, o dinheiro eletrônico traz complexidades para conciliar e consolidar informações, como a previsão de quando entrará o pagamento das vendas realizadas no débito em um determinado dia, previsão de parcelamentos, tarifas, cancelamentos, *chargebacks*, entre outras ocorrências.

Essas são algumas questões que as empresas têm de enfrentar para gerir corretamente o que é vendido. Realizar a conciliação de vendas com cartões é uma tarefa difícil, demanda esforço e principalmente tempo dos departamentos financeiro e de tecnologia. Diante do cenário competitivo, é preciso que, tanto em estabelecimentos de pequeno ou grande porte, sejam físicos ou online, exista dedicação para aprimorar as vendas e otimizar a equipe da empresa, utilizando seus esforços no aprimoramento do core businessda empresa.

A visibilidade e o controle de informações colaboram no aprimoramento do sistema financeiro, haja vista que controla todo o ciclo de vida das operações com cartões, desde a captura e condições da venda transacionada, passando pela checagem contra o sistema ERP, agenda de pagamentos, ajustes, *chargebacks*, até a realização do crédito referente à liquidação. Tudo isso otimiza em muito a gestão financeira do negócio, o que gera impacto positivo para o consumidor final, o qual terá mais segurança ao comprar.

A evolução nos meios de pagamento é constante e, assim como um dia a prática do escambo foi deixada para trás, é preciso que as organizações pensem em novos modelos de gestão que rompam com modelos tradicionais e se abram a parcerias que geram valor tangível para o negócio.

** Vice-presidente de vendas e Gerente Geral para América Latina da GXS, líder global de soluções de integração B2B.*

MAIS QUE INVESTIR EM INFRAESTRUTURA, A CCR ESTÁ INVESTINDO NO BRASIL QUE TODOS QUEREMOS.

O Grupo CCR é um dos maiores do mundo em concessão de infraestrutura. Além da excelência na gestão de mais de 2.400 km de rodovias, consideradas as melhores do País, a CCR, por meio da ViaQuatro, é responsável pela Linha 4 de metrô de São Paulo, eleito pela publicação especializada *Infrastructure 100 World Cities Edition* como um dos cem projetos de infraestrutura mais inovadores do mundo. O Grupo CCR também atua no transporte de passageiros com transporte marítimo no Rio de Janeiro, operação eletrônica de pagamentos com o Sem Parar/Via Fácil e, agora, aeroportos. Uma expansão com o compromisso CCR de desenvolvimento socioeconômico e ambiental das regiões onde atua. Hoje, e cada dia mais, é por aqui que a gente chega lá.

agência **mood3**

www.grupoccr.com.br

É por aqui que a gente chega lá.

O Brasil e o crescimento da economia mundial.

O Brasil cresceu mesmo nos últimos anos? E os principais países do mundo, também foram na onda? Para medir e responder a estas e muitas outras perguntas, o Fundo Monetário Internacional (FMI) realizou um estudo e classificou em um ranking o ritmo de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 166 países, em 2012.

O resultado não foi nada animador para o Brasil. O ranking classificou o país em 128º lugar, o que significa queda de 25 posições em relação ao ano anterior. O resultado é reflexo do baixo crescimento da economia no ano passado, de 0,9%, o pior desempenho desde o pico da crise, em 2009, quando encolheu 0,3%. Esse resultado também ficou abaixo do PIB de 2011, que registrou aumento de 2,7%, fazendo com que o Brasil, naquele ano, ocupa-se a 103º posição no ranking do FMI. Vale dizer que em 2012, o país teve o menor PIB entre os BRICS e só superou os países europeus, que neste período estavam em crise.

O ranking, que analisou as principais economias do mundo em um período de 20 anos, indicou que o Brasil só esteve em um cenário pior do que o atual outras três vezes: em 1998 (141º), 1999 (138º) e 2003 (141º). Uma das razões encontradas por analistas para justificar a queda de tantas posições é que países em guerra civil sofrem fortes oscilações, para cima ou para baixo. Como exemplo, o país africano teve a economia encolhida em 62%.

O melhor momento do Brasil, no que se refere a crescimento econômico, foi em 2010, quando o PIB aumentou 7,5%, alcançando a posição 31ª do ranking. Em valores, o PIB brasileiro totalizou R$ 3,675 trilhões. Foi o maior avanço desde 1986, quando o país vivia o Plano Cruzado. Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o resultado foi reflexo do desempenho da demanda interna, além do baixo percentual de crescimento em 2009, quando se registrou retração de 0,6%, grande parte devido aos efeitos da crise econômica no ano anterior.

No ano passado, o desempenho do Brasil ficou abaixo da média não só da América Latina,

"O melhor momento do Brasil, no que se refere a crescimento econômico, foi em 2010, quando o PIB aumentou 7,5%, alcançando a posição 31ª do ranking. Em valores, o PIB brasileiro totalizou R$ 3,675 trilhões."

como também do G-7 (o grupo dos países mais industrializados), o que não ocorria desde 2003. Enquanto o país cresceu 0,9%, os países que integram o G-7 cresceram, em média, 1,5%. A América Latina apresentou alta de 3% e, segundo dados do FMI, os países emergentes cresceram, em torno de 5,1%.

Dentre os países que integram os BRICS, o Brasil foi o que menos cresceu em 2012. A China ocupou a 14ª posição, com alta de 7,8% em relação ao ano anterior. A Índia ocupa o 65ª lugar, com 4% e a Rússia apresentou crescimento de 3,4%. O maior crescimento em 2012 foi o da Líbia, de 104,5% e o pior foi a Grécia, que no ano passado teve sua economia reduzida em 6,4%, a quinta retração consecutiva do PIB Local.

Para a análise, foram considerados os dados dos países que forneceram os números de todo o período examinado (1993 a 2012). Os números se referem ao crescimento econômico real, ou seja, descontada a inflação.

HISTÓRICO DE CRESCIMENTO

Para se ter uma ideia melhor, no período de 1983 a 1993, o PIB brasileiro cresceu em média de 2,8% ao ano, resultado melhor do que dos países ricos. A partir daí, a economia foi perdendo força até 1999, quando apresentou uma queda ruim se comparado aos demais. Em 2000 e até 2006, houve um período estável, quando a partir daí o PIB nacional passou a crescer com mais força. O resultado ruim de 2012 – de 0,9% - é o pior desempenho desde o pico da crise, em 2009, quando encolheu 0,3%.

PIB EM PAÍSES SELECIONADOS

Posição*	País	Variação do PIB em 2012(%)
14ª	China	7,8
39ª	Venezuela	5,5
41ª	Chile	5,5
43ª	Bolivia	5,2
65ª	Índia	4,0
67ª	México	3,9
102ª	EUA	2,2
108ª	Japão	2,0
110ª	Argentina	1,9
128ª	Brasil	0,9
129ª	Alemanha	0,9
136ª	Reino Unido	0,2
141ª	França	0,0
162ª	Itália	-2,4
164ª	Portugal	-3,2
166ª	Grécia	-6,4

*** Posição no ranking de 166 países. Fonte: FMI**

Paradoxos do emprego.

*Lauro Vieira de Faria**

O Brasil, diz-se, vive uma situação de pleno emprego da força de trabalho. Entretanto, segundo informações do Ministério do Trabalho, os gastos com seguro desemprego subiram de R$ 7 bilhões em 2004 para R$ 28 bilhões em 2012 (+300%). É um valor expressivo, inclusive, superior ao arrecadado anualmente por qualquer ramo de seguro privado, exceto o setor de saúde suplementar. O número de beneficiados também cresceu fortemente, passando de cinco milhões em 2004 para oito milhões em 2012. O problema é que as receitas do PIS-PASEP, que custeiam o programa, aumentaram bem menos, de R$ 15 bilhões em 2004 para R$ 48 bilhões em 2012 (+220%), gerando um déficit de R$ 2,5 bilhões no ano passado no Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), que financia este e outros benefícios.

A situação é paradoxal e preocupante. Para reduzir as elevadas despesas com o seguro-desemprego, o governo federal trocou em 2013 o índice de correção do benefício: para valores de até um salário mínimo, que representam 70% dos pedidos, a correção continua igual ao reajuste do salário mínimo, mas acima desse valor os benefícios serão corrigidos pelo INPC. O governo pretende ainda exigir a realização de curso de qualificação do trabalhador que solicitar duas vezes o benefício em um prazo de dez anos. Outra iniciativa em debate é a regulamentação do Art. 239 da Constituição Federal, que prevê uma alíquota adicional de contribuição ao Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) para empresas com rotatividade maior que a média apurada no setor em que atuam.

Segundo o Ministério do Trabalho, a explicação para o aumento das despesas com o seguro desemprego é que o crescimento do emprego foi acompanhado de aumentos da formalização das relações de trabalho, da rotatividade da mão-de-obra e do salário mínimo acima da inflação, determinando expressiva demanda pelo benefício. De fato, segundo o IBGE, a proporção da população ocupada que tinha algum tipo de formalização avançou de 43% em 2001 para 55% em 2011 e a taxa média anual de rotatividade dos trabalhadores privados (celetistas) passou de 42% do estoque de trabalhadores em 2004 para 47% em 2011.

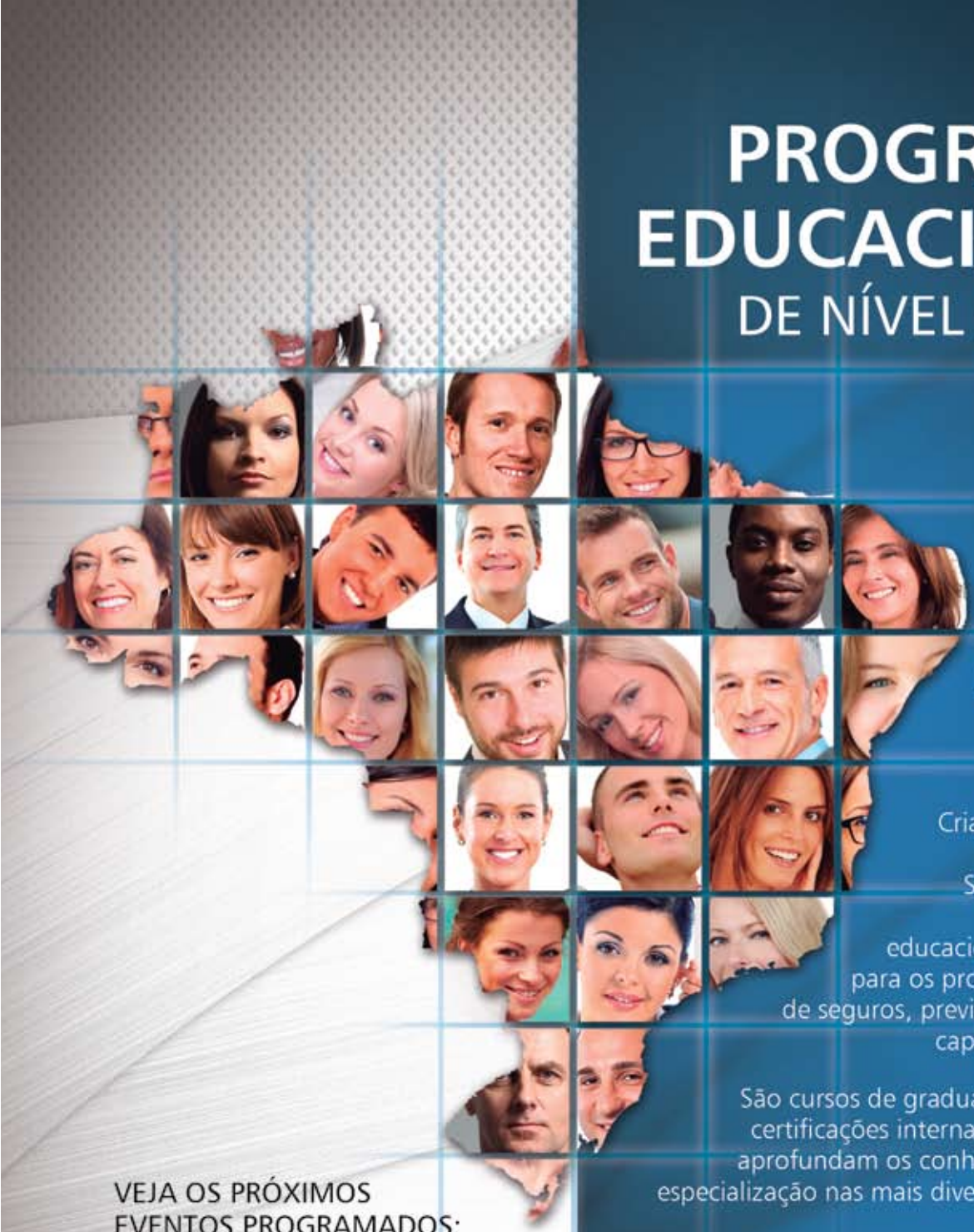
Menos conhecidos são os problemas de gestão do programa como o insuficiente auxílio aos trabalhadores na busca ou preservação do emprego e as falhas na fiscalização das fraudes na concessão do benefício. A principal é o chamado "acordo" em que o funcionário é demitido sem justa causa e solicita o benefício, porém continua prestando serviços ao empregador. Outra ilegalidade ocorre quando o funcionário desempregado é admitido por uma nova empresa e em acordo com ela não tem a carteira de trabalho imediatamente registrada para continuar recebendo o seguro desemprego. E alguns assinalam o surgimento do "desempregado profissional", isto é, pessoa que, explorando as possibilidades da lei, se emprega já pensando na demissão à frente para receber o benefício. E fazem isso repetidamente.

Um seguro desemprego com as características listadas acima é um produto que o mercado de seguros privado tem dificuldade de oferecer. A razão é fácil de entender. Para que um risco seja segurável por empresas privadas, entre outras condições, é preciso que os eventos sejam independentes entre si, isto é, que haja desconcentração de riscos. Precisamente o que é difícil no seguro desemprego, pois o desemprego costuma evoluir em ondas periódicas que afetam grande número de trabalhadores ao mesmo tempo.

Contudo, isto não significa que o mercado esteja totalmente fora da oferta de proteção contra o risco de desemprego. Nos seguros de pessoas, além das coberturas costumeiras de morte e acidentes, existe a cobertura de perda de renda, ou seja, pagamento de indenização em caso de perda de emprego, devendo ser observados os critérios estabelecidos no plano de seguro, como tempo mínimo de carteira profissional assinada, tempo mínimo no último emprego, motivos de demissão, entre outros. A cobertura de perda de renda pode ser contratada junta ou separadamente com outras coberturas. Na prática, o mercado oferece mais frequentemente a cobertura de perda de renda no âmbito dos seguros prestamista e educacional.

** Economista, assessor da Diretoria Executiva da Escola Nacional de Seguros e coordenador do site www.tudosobreseguros.org.br*

PROGRAMAS EDUCACIONAIS
DE NÍVEL SUPERIOR



- GRADUAÇÃO
- EXTENSÃO
- MBA
- CERTIFICAÇÃO INTERNACIONAL

Criada em 2005, a Escola Superior Nacional de Seguros (ESNS) oferece produtos e serviços educacionais de nível superior para os profissionais do mercado de seguros, previdência complementar, capitalização e resseguro.

São cursos de graduação, extensão, MBAs, certificações internacionais e eventos, que aprofundam os conhecimentos e conferem especialização nas mais diversas áreas de negócio.

VEJA OS PRÓXIMOS EVENTOS PROGRAMADOS:

MESA-REDONDA "ECONOMIA E SEGURO"

São Paulo – 3 de julho
(a confirmar)

Rio de Janeiro – 9 de julho

"SEMINÁRIO DE RESSEGURO: A ARTE DE ELABORAR O CONTRATO"

São Paulo – 13 e 14 de agosto

ESCOLA SUPERIOR NACIONAL DE SEGUROS

FUNENSEG

www.esns.org.br | www.funenseg.org.br
0800 025 3322

O Palácio da Fazenda, no Rio de Janeiro, faz 70 anos e será restaurado.

Superintendente Administrativo do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro, Dr. Antonio Renato Cezar de Andrade.

Desde o lançamento de sua pedra fundamental em 3 de outubro de 1938 e a conclusão das obras de construção em 10 de novembro de 1943, no Governo Vargas, o Palácio da Fazenda é um das mais representativas expressões do estilo arquitetônico neoclássico no Brasil.

Não se pode deixar de conferir, além disso, especial destaque à Biblioteca Central e ao Museu da Fazenda Federal, instalados no prédio: - a primeira por reunir o acervo documental que atesta o passado econômico do país, e o segundo que confirma e materializa, ao tornar visíveis aos seus inúmeros visitantes, os documentos, objetos e peças de indescritível valor histórico que constituem o retrato falado desse mesmo passado, como se a resgatar, permanente, a memória nacional.

No térreo existem 186 guichês que serviam às antigas tesourarias e pagadorias; os balcões de mármore medem mais de 1.300 metros de extensão. O calçamento em volta do prédio é de pedra portuguesa.

O Salão Nobre, no 10 andar, destinado aos atos solenes na vida do Ministério da Fazenda é em estilo Luiz XVI – os lustres de cristal foram oferecidos pelo Banco do Brasil e são de autoria de Oreste Fabri.

"Nenhuma outra cidade do país reúne tamanha variedade arquitetônica e tantas obras de importância inquestionável", escreveu o arquiteto Jorge Czajkowski sobre a antiga capital federal no "Guia amoroso do Rio", de José Inácio Parente.

"A trama urbana", continua ele, "acomoda vizinhanças de todos os estilos e fornece a cara quase inconfundível da cidade: uma igreja barroca ombreia com um arranha – céu, um palácio neoclássico com um bolo-de-noiva *art déco*, um sobrado azulejado com um edifício em centro de terreno.

A variedade mencionada pode ser observada quando percorremos a Avenida Presidente Antonio Carlos / Rua 1º de março no trecho entre a Avenida Presidente Wilson e a Praça XV. Nesse trajeto podemos ver ao longe, à esquerda, na Presidente Wilson, o Petit Trianon da Academia Brasileira de Letras, réplica do edifício em estilo Luís XVI do Parque de Versailhes, construída como pavilhão francês para a exposição do Centenário da Independência em 1922; na esquina, está o novo prédio da ABL, projeto moderno, de 1972, dos arquitetos Maurício e Márcio Roberto. Logo adiante, vemos a Igreja de Santa Luzia, construída em 1752, reformada em 1872; por trás dela, parte do prédio do Ministério da Educação, inaugurado em 1945. Continuando pelo Antônio Carlos, temos em seguida, sempre à esquerda, os prédios do Ministério do Trabalho, inaugurado em 1938, e do Ministério da Fazenda, inaugurado em 1943, e o edifício – sede do Jockey Club, projeto de Lucio Costa, de 1956. Um pouco mais à frente, do outro lado da rua, podemos ver o Palácio Tiradentes, projeto de Archimedes Memória, de 1923, e o Paço Imperial, de 1743. Em frente ao Paço, temos os prédios da Universidade Candido Mendes: o colonial, antigo Convento do Carmo, construído em 1619, e o moderno, projeto de Harry Cole, de 1977. São obras que representam mais de 300 anos de arquitetura no espaço de dois quilômetros!

O Palácio da Fazenda, essa raridade da arquitetura e da história do Brasil, que faz parte desse contexto do centro do Rio, estará completando 70 anos, no próximo mês de novembro.

"Já está está em fase de conclusão o projeto de reforma e restauro do histórico edifício-sede da Fazenda".

Quem diz isso é Antonio Renato Cezar de Andrade, superintendente do Ministério da Fazenda no Estado do Rio de Janeiro.

"Hoje, aqui trabalham cerca de 5.000 pessoas, em diversos órgãos importantes da União, como o TCU, o CGU, a Superintendencia Patrimonial da União, a Receita Federal, a Procuradoria da Fazenda Nacional, a Secretaria de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda e o gabinete do ministro da Fazenda no Rio de Janeiro".

A Biblioteca, que comporta 150.000 livros, está aberta ao público e tem o maior acervo histórico da memória estatística brasileira.

Esse acervo está sendo digitalizado e também pode ser consultado através do site www.archive.org.

Pelo terceiro ano, IBEF certificará e premiará cases de Sustentabilidade.

PATROCINADORES

O Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças - IBEF irá certificar e premiar *cases* de empresas e administrações que possuem projetos e ações na área de Sustentabilidade. O "Prêmio IBEF de Sustentabilidade" visa atender a sociedade brasileira em geral, a comunidade econômica empresarial, bem como seus *stakeholders* e todos os profissionais relacionados com a área. O Projeto está em seu terceiro ano consecutivo e conta com o patrocínio da Petrobras, SEBRAE e Deloitte, o que demonstra o seu sucesso.

A grande novidade neste ano é a possibilidade da participação dos "pequenos negócios". Isso por causa do patrocínio do SEBRAE, que vem ajudando os empresários, não somente fornecendo conhecimento técnico, como também melhorando sua capacidade de responder com competência e agilidade aos requisitos de um mercado global altamente competitivo.

"O objetivo é, principalmente, estimular a participação das pequenas e micro empresas, responsáveis por 60% dos 94 milhões de empregos no país a buscar soluções de inovação", ressalta Marcos Varejão, Vice-Presidente do IBEF Nacional. Além disso, dar visibilidade às boas práticas desenvolvidas e reconhecer a adoção de estratégias inovadoras, tanto em produtos como em gestão, com a melhoria de processos e qualidade de produtos e serviços, atendendo a demanda dos consumidores e diminuindo os custos da operação.

"A finalidade da certificação é criar um grupo de grandes, pequenas e micro empresas com excelência e independência em administração na economia brasileira e no Mercosul, no que diz respeito às decisões de investimento e operação. A ideia é alcançar os padrões e à adoção das melhores práticas visando o desenvolvimento sustentável das organizações", completa Varejão.

O IBEF entende que as empresas que demonstram atuação em Sustentabilidade e possuem excelência nas atividades voltadas para essa questão, devem ser reconhecidas pelo mercado, sociedade e comunidade empresarial. Dezenas de empresas e administrações já encaminharam seus *cases*, que estão sendo avaliados pela Banca Examinadora do Projeto, formada por executivos e acadêmicos de reconhecida atuação em suas respectivas áreas.

O grupo analisa e identifica as empresas que serão certificadas, levando-se em conta os requisitos

"A certificação na área de Sustentabilidade para uma empresa é um reconhecimento de suas responsabilidades junto ao meio ambiente e a economia brasileira, o que reflete uma nova postura empresarial."

estabelecidos na Metodologia do Pentágono em Sustentabilidade, com base no livro "Avaliação de Investimentos Sustentáveis", de autoria de Marcos Rechtman (Diretor do IBEF) e Carlos Eduardo Frickmann, Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Além disso, se utiliza de conceitos que norteiam o tema para definir a Sustentabilidade Corporativa, tais como: responsabilidade ambiental, justiça social, viabilidade econômica, gestão, administração de conflitos, governança e estrutura da operação.

Para certificar e premiar os vencedores de cada categoria, o IBEF irá promover um evento no Jockey Club Brasileiro, no centro do Rio de Janeiro, no dia 30 de julho de 2013. Os ganhadores que possuírem os melhores *cases*, serão conhecidos na oportunidade, receberão o Troféu Ecosofia - nome escolhido para a escultura desenhada por Gian Carlo Patuzzi exclusivamente para o Projeto, além de outras vantagens. Vale ressaltar que a certificação e premiação se baseiam no mérito de *cases* empresariais, com destaque em uma das categorias/vértices da Metodologia do Pentágono em Sustentabilidade.

IMPORTÂNCIA DO TEMA

O estímulo aos avanços e ao desempenho das organizações diante do tema está diretamente ligado aos interesses da sociedade. Isso porque integrar a Sustentabilidade no dia a dia das empresas significa diminuir gastos e aumentar o lucro.

Nesse sentido, ganha contorno especial a percepção das empresas como organizações vivas e em constante interação com os ambientes que a cercam e os que nela estão inseridos: o ecossistema impactado por uma empresa precisa ser gerido a partir de um enfoque de Sustentabilidade capaz de oportunizar a implementação de estratégias de baixo atrito, isto é, que gerem a maior efetividade e os menores esforços possíveis de gerenciamento de resistências.

A certificação na área de Sustentabilidade para uma organização é um reconhecimento de suas responsabilidades junto ao meio ambiente e a economia brasileira, o que reflete uma nova postura empresarial.

Contata-se nas empresas certificadas o significado do valor da companhia para seus acionistas – aquelas que possuem ações negociadas na Bolsa de Valores e que recebem a certificação somam valor no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), composto por ações de empresas altamente comprometidas com práticas de Sustentabilidade.

Outro aspecto que envolve as empresas certificadas é a capacidade de administrar conflitos, tratados com profissionalismo, o que reflete nas negociações e geração de novas oportunidades de negócios, alinhando interesses das organizações, contenção de riscos e soluções de impasses.

Comércio mundial deve aumentar com o uso do renmimbi como moeda internacional.

*Maguns Montan**

Uma pesquisa feita pelo HSBC, em agosto de 2012, com empresas na China apontou que mais de 50% delas estão dispostas a oferecer descontos quando a moeda negociada for RMB.

A China é a segunda maior economia do mundo com um Produto Interno Bruto de US$ 8,3 trilhões e analistas apontam que poderá superar a economia dos Estados unidos ainda nesta década. Contudo, já é o país com o maior volume em comércio exterior (US$ 3,87 trilhões) e o principal parceiro comercial do Brasil, tanto nas exportações como nas importações.

O fluxo da balança comercial brasileira em 2012 foi de US$ 465,7 bilhões sendo que US$ 242,6 bilhões em exportações e US$ 223,1 bilhões em importações. A representatividade de negócios com a China foi de 17% do volume exportado e 15,4% do volume importado, em números: o Brasil exportou US$ 41,2 bilhões para a China e importou US$ 34,2 bilhões.

Sendo assim, considerando que em 2003 o Brasil exportou US$ 4,5 bilhões e importou US$ 2,1 bilhões, o país multiplicou em nove e 16 vezes, respectivamente, seu volume de negócios com a China na ultima década. Um crescimento impressionante que ficou concentrado na exportação de commodities e na importação, principalmente, de manufaturados.

O investimento externo direto (IED) chinês no Brasil acompanha o ritmo de crescimento da balança comercial entre os dois países, com investimentos chineses anunciados entre 2003 a 2011 totalizando US$ 37,1 bilhões segundo o Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Até 2010, os investimentos se concentraram principalmente no acesso a recursos naturais, como petróleo, soja e mineração refletindo a pauta de exportação. A partir de 2011, os investimentos mudaram o foco para o mercado de consumo interno a favor da indústria e setores de maior valor agregado acompanhando a pauta importadora.

Mesmo diante da importância dentro do comércio internacional, a China está passando por um processo de mudança de seu modelo de crescimento. Esse processo foi fortemente influenciado pelas exportações e agora passa para um modelo sustentado pelo investimento e consumo interno. Essa mudança também trará oportunidades ainda maiores para a venda de produtos e serviços ao mercado chinês, que tende a aumentar sua demanda.

Com esse novo cenário, o recém-empossado presidente, Xi Jinping, e o primeiro-ministro, Li Keqiang, ratificaram o comprometimento com o crescimento econômico e as reformas que deverão ser implementadas na China. A economia chinesa está condicionada a mudanças para continuar com seu crescimento e isto pode ser observado nas palavras

“O renmimbi traz oportunidades para as empresas brasileiras e chinesas que podem usar a moda, principalmente para gestão de risco cambial, agilidade de pagamento ao exportador chinês, economia em custos de processos cambiais, simplificação no pedido de rebate do imposto de exportação.”

de Li Keqiang: “Embora possam ser águas profundas, nós vamos passar, porque não temos alternativas”. Em outras palavras, Keqiang afirma que é possível perceber que é esperada uma maior participação do setor privado na economia chinesa: “Nós precisamos deixar para o mercado e sociedade o que eles podem fazer bem”, disse.

Uma das ferramentas chinesas para a manutenção do seu crescimento é a internacionalização de sua moeda, o renmimbi (RMB), e também sua conversão. O uso do RMB já representa 11% das operações do comércio exterior chinês e em um mês típico mais de 150 países negociam em RMB. A expectativa é que até 2015 - o RMB represente um terço do comércio internacional chinês e seja a terceira moeda mais usada mundialmente.

O renmimbi traz oportunidades para as empresas brasileiras e chinesas que podem usar a moeda, principalmente para gestão de risco cambial, agilidade de pagamento ao exportador chinês, economia em custos de processos cambiais, simplificação no pedido de rebate do imposto de exportação. Uma pesquisa feita pelo HSBC, em agosto de 2012, com empresas na China apontou que mais de 50% estão dispostos a oferecer descontos quando a moeda negociada for RMB.

Clientes do HSBC no Brasil já estão se beneficiando das vantagens do RMB nas operações de câmbio, financiamento de importação e exportação e cartas de

crédito, com redução no custo das suas importações ou melhores condições de venda para o mercado chinês.

Para liderar a internacionalização do RMB e oferecer as melhores soluções e oportunidades aos seus clientes, o HSBC conta mundialmente com 17 *china desks*, 50 países operando em RMB e ainda uma forte presença na China, sendo o maior banco internacional do país.

**** Diretor regional de Trade e Recebíveis do HSBC para América Latina.***

A nova cozinha brasileira.

*Pedro Dutra**

Em meados de 1943, a derrota da Alemanha nazista na II Guerra era irreversível. Mas os ingleses, atentos às causas e às consequências do conflito, já vinham cuidando de renovar a ordem social do país, que deveria ter um novo eixo: a moderna disciplina do trabalho. O projeto, a seguir adotado pelo governo trabalhista inglês, foi redigido por Lord Beveridge. Ele estruturava um regime de seguridade social apoiado pelo Estado, sem todavia tutelar o indivíduo, a quem deveria caber o esforço de sua maior ascensão social.

O jovem diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, San Tiago Dantas, propôs ao governo convidar o economista inglês ao Brasil para expor seu plano e conhecer a Consolidação das Leis do Trabalho, que o ditador Getúlio Vargas vinha de editar em maio de 1943 seguindo o modelo fascista da Carta del Lavoro, de 1927. Sem abolir a propriedade privada como ocorrera na Rússia, o ex-socialista Mussolini submeteu a relação entre trabalhadores e empregadores ao controle do Executivo. A proposta de San Tiago foi recusada.

A Getúlio não interessava a elevação do trabalho ao centro do debate institucional, e sim organizá-lo como força partidária sob o comando do governo.

E assim fez. Aos trabalhadores foram concedidos direitos elementares - tardios, mas inéditos na sociedade brasileira - e aos empregadores o dever de os cumprir, enquanto o governo era isento de assegurar os direito sociais dos trabalhadores, tais os de greve e de livre associação. Não era intenção de Getúlio editar uma norma moderna, que a um só tempo assegurasse direitos básicos aos trabalhadores e obrigações mínimas aos empregadores, e permitisse a ambos contratar atendendo às peculiaridades da tarefa a ser executada e da realidade econômica de cada momento da vida do país.

Os direitos sociais dos trabalhadores vieram sendo conquistados e afirmados, vencida a ditadura militar seguinte à de Vargas. Mas o travo reacionário presente na redação da Consolidação resiste, e anima o igual propósito de tutelar o empregado e penalizar o patrão, subjugando ambos à burocracia oficial que manipula o trabalho no Brasil segundo o interesse partidário de quem a comanda.

É invertida a função do trabalho no Brasil: em lugar de ser ele um fator determinante na produção e distribuição de riqueza, é ele um ônus a pesar sobre o trabalhador e o empregador. E esse paradoxo vem de ser alimentado: o livro de ponto chegou à cozinha brasileira.

Este artigo foi publicado no jornal O Globo de 26/4/2013.

** Advogado.*

TM Rio 2016

Ernst & Young Terco. Líder em conhecimento e serviços.

A Ernst & Young Terco investe fortemente em conhecimento para a formação de uma equipe de alta inteligência em negócios nas áreas de Auditoria, Consultoria, Impostos e Transações.

ey.com.br

Acesse e conheça nossos serviços.

ERNST & YOUNG TERCO

Quality In Everything We Do

Auditoria | Consultoria | Impostos | Transações

| **Auditoria** | Investigação de fraudes | Preparação para abertura de capital | Controles internos | Auditoria independente | Auditoria de informações financeiras regulatórias | Resolução de litígios | Assessoria em temas contábeis complexos | Relatório integrado | Treinamentos in company | Instrumentos financeiros | Revisão de práticas contábeis | Atualizações técnicas | Mercado de capitais | IFRS | IPSAS | **Consultoria** | Gestão de projetos | Gestão e estratégia de megaeventos | Canais de vendas | Estratégia de negócios | Melhoria de desempenho | Value chain | Estratégia em logística | Retorno e eficiência de investimentos em marketing e publicidade | Gestão de inovação | Strategic sourcing | Revisão de contratos | Redução de perdas | Gestão de riscos estratégicos | Gestão de riscos imobiliários | Governança corporativa | Auditoria interna | Gestão de riscos financeiros | Gestão de riscos ambientais | Gestão de riscos operacionais | Segurança de TI | Auditoria de sistemas | Revisão de perfis de acesso | Riscos em TI | Suporte em ferramentas de GRC | Suporte na utilização de ferramentas de Business Intelligence | **Impostos** | Gestão tributária | Tax IT: cumprimento de obrigações acessórias | Mobility: assessoria a expatriados | Diagnóstico tributário | Compliance de impostos diretos, indiretos e transfer pricing | Gestão de riscos tributários | Revisão de DIPJ | Áreas trabalhista e previdenciária | Checks eletrônicos de obrigações acessórias | Consultoria tributária | Impostos internacionais | Impostos indiretos | Atendimento à fiscalização | Transfer pricing | Impostos alfandegários | Gestão estratégica em logística e otimização tributária | Processo fiscal administrativo de defesa | Incentivos fiscais, capital project e site location | **Transações** | Reestruturação e administração de capital | Avaliações e modelagem de negócios | Fusões e aquisições | Due diligence | Empréstimos e resgate de débitos | Planejamento fiscal | Parcerias público-privadas | Joint ventures | Integração em transações | Estudos de viabilidade de projetos | Transações imobiliárias | Concessões públicas | Estratégia financeira | Financiamento de projetos | Private equity | Venture capital | Venda de ativos | Ofertas públicas iniciais (abertura de capital – IPO) | Captação de recursos | Suporte ao empreendedorismo | Abertura de capital | Captação de recursos | Governança corporativa e transparência | Execução do plano de negócio | Inovação | Processos e controles internos | Fundos de investimento | Planejamento estratégico |

LACOSTE

O presidente mundial da Lacoste, José Luís Duran, falou em Nova York e revelou quais são os planos da companhia, que chega aos 80 anos como a criadora das camisas pólo. Ele contou que sua meta é tornar a marca um negócio mais premium, olhando com mais atenção para as mulheres e os jovens. Prova disso é o lançamento da marca própria L!ve, com loja recém aberta no JK Iguatemi, em São Paulo. "Meu principal desafio hoje se refere ao posicionamento da marca. Quero torná-la ainda mais desejada. Não sou obsessivo por volumes. Meu objetivo é promover um crescimento qualitativo à Lacoste. A ideia não é abrir muitas lojas e nem aumentar expressivamente os itens vendidos, mas agregar valor às roupas. Praticamente todas as nossas operações, em mais de 115 países, apresentaram números positivos, com exceção de alguns lugares como Espanha e Itália. Já a França, país de origem da marca e responsável por 12% do faturamento global, apresentou um bom salto, assim como todos os países asiáticos e o Brasil", analisa.

90 ANOS

A cidade do Rio de Janeiro tem muito a comemorar neste ano, pois o principal ícone hoteleiro do Brasil completa 90 anos, o Copacabana Palace. Desde que Fred Astaire e Ginger Rogers dançaram juntos no filme Flying Down to Rio, tendo o Copacabana Palace como principal cenário, o hotel tornou-se internacionalmente conhecido. Localizado na famosa praia de Copacabana, o hotel recebeu ao longo de décadas, membros da realeza, estrelas de cinema, teatro e música, assim como políticos e grandes empresários. Um símbolo de sofisticação e requinte, pertencente ao grupo Orient-Express, que oferece um serviço impecável, excelente gastronomia e luxuosas acomodações.

BMW

A BMW do Brasil e o Governo do Estado de Santa Catarina assinaram um protocolo para a instalação de uma fábrica da famosa marca de carros de luxo na região. A nova unidade deve ser construída no município de Araquari e a expectativa é que até o final de 2014 os modelos fabricados no país já estejam em circulação pelas ruas. "A fábrica da BMW no Brasil significa seu compromisso profundo, acima de tudo, com o país, através das futuras relações com as cadeias de abastecimento locais, bem como a colaboração com parceiros industriais. Os investimentos para os próximos anos serão em torno de 200 milhões de euros e o planejamento inclui uma capacidade de produção instalada de 32 mil veículos por ano." disse Arturo Piñeiro, Presidente do BMW Group Brasil. Piñeiro acrescentou que a instalação da fábrica irá gerar mais de mil novos empregos diretos, além de oportunidades na educação, intercâmbio cultural e transferência de tecnologia. Desde 2011 existe a especulação da abertura de uma fábrica da montadora no Brasil.

100% BRASILEIRA

A empresa norte-americana Global Tech Led está em negociação com a prefeitura de Santo Amaro da Imperatriz, na Grande Florianópolis, para levar à Santa Catarina a primeira fábrica de lâmpadas de LED 100 % produzidas no país. A informação, publicada no Diário Catarinense, é que a empresa prevê sua instalação no condomínio industrial para janeiro do ano que vem, em uma área com cerca de 600 metros quadrados. O empresário entrevistado pela publicação, Bernardo Quintão, da consultoria Grow Investimentos, de Curitiba, empresa que tem sociedade com os investidores americanos da Global Tech Led, conta que a produção das lâmpadas de LED será destinada à iluminação pública e a condomínios industriais do Brasil. A expectativa é que haja a importação de tecnologia dos Estados Unidos e que todos os componentes das LEDs sejam fabricados em solo catarinense.

GRUPO 3 CORAÇÕES

O Grupo 3 Corações, produtor de café torrado e moído e exportador de grão verde, está com expectativas positivas de crescimento em 2013. A projeção é alcançar uma receita de R$ 2,4 bilhões, o que significa aumento de 7% em relação ao ano anterior. A estratégia da companhia tem sido reinvestir em expansão e marketing, além do lançamento de uma linha de cápsulas de café, que começará a ser comercializada a partir de agosto, segundo informações do jornal Valor Econômico. A ideia é produzir o produto no Brasil, com uma unidade em operação entre 2014 e 2015, provavelmente em Minas Gerais. Para participar do mercado de cápsulas, o grupo fez uma joint venture com a empresa italiana Caffita, que vai produzir as cápsulas enquanto a fábrica brasileira não estiver pronta.

GALVÃO E COPEL

O Grupo Galvão está em fase de negociações para a venda dos ativos de energia eólica para a Copel (Companhia Paranaense de Energia). A operação gira em torno de R$ 200 milhões e os ativos correspondem a quatro parques eólicos no município de São Bento do Norte, no litoral do Rio Grande do Norte. O empreendimento conta com 47 aerogeradores e tem potência instalada de 94 megawatts (MW). De acordo com informações do grupo Galvão, os investimentos no projeto têm valor aproximado de R$ 400 milhões, dos quais 70% são financiados pelo BNDES. Conforme dados disponíveis no site da Copel, a produção do parque já foi comercializada por meio de contratos com 20 anos de duração no leilão realizado em 2010 pela Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica). O faturamento esperado dos empreendimentos é de R$ 50 milhões por ano.

BRADESCO ESPORTES

O Grupo Bradesco, por meio do Programa Bradesco Esportes e Educação, tem como objetivo a promoção e o desenvolvimento integral de crianças e jovens, com idade entre 8 e 18 anos, com uma atividade saudável como a prática esportiva, nas modalidades vôlei e basquete feminino. Ao todo, são atendidas gratuitamente mais de 2 mil meninas nos Núcleos de Formação e de Especialistas. As atividades são desenvolvidas no Centro de Desenvolvimento Esportivo da ADC Bradesco, em unidades da Fundação Bradesco, escolas da rede pública municipal, escolas particulares e centros esportivos da Prefeitura. Além de uma vida mais saudável, os núcleos contribuem para a formação de atletas de alto nível, possibilitando o desenvolvimento de carreira em equipes de categoria adulta – inclusive, defendendo o país em seleções brasileiras, como já ocorreu.

RIO SPLASH TOUR

A cidade do Rio de Janeiro vai ganhar até o final do ano um novo serviço de passeio turístico, um veículo anfíbio que anda na água e na terra. Em desenvolvimento pela empresa Rio Splash Tours, o carro levará 50 pessoas e passeará pela Baía de Guanabara e pela orla da Zona Sul da cidade. A novidade já faz sucesso em lugares como Miami, Tóquio e Sidney.

ALCOA

Maior fabricante de alumínio do mundo, a Alcoa montou uma operação de varejo no país. A rede possui 42 lojas e tem previsão de inaugurar outras 11 ainda em 2013. A ideia é simples: atender ao consumidor local, com a chance de estar mais perto dele, e desburocratizar processos, pois as lojas Rede & Alumínio seguem um padrão definido pela Alcoa, vendem com exclusividade seus produtos e outros itens complementares, que não tenham conflito de interesse com a fabricante de alumínio. A Rede Alumínio & Cia, embora venha aumentando o *mix*, só trabalha com produtos de alumínio da Alcoa. Esse tipo de produto responde por 60% das vendas.

PRÊMIO RANDSTAD

Segundo o prêmio Randstad, que identifica as empresas preferidas por profissionais em 18 países, a Microsoft, Mercedes Benz e Audi são os destaques deste ano. O único país latino-americano que participou da pesquisa foi a Argentina, que elegeu a Mercedes Benz como a mais atraente. O estudo aponta o que é mais valorizado por profissionais. A busca por um salário mais competitivo está no topo da lista para trocar de emprego na região das Américas (escolhida por 23%) e da Ásia-Pacífico (20%). Já na Europa, segurança e estabilidade (34%), junto com a saúde financeira da empresa (22%), são os maiores motivadores para decidir o empregador. Os setores de consultoria, informática e o automotivo são os mais atraentes no resultado global. Entre jovens de 18 a 24 anos, consultorias, serviços profissionais e engenharia são os preferidos. Já nos Estados Unidos e Canadá, o segmento de tecnologia se mostrou o mais popular, independentemente da idade.

ÉVORA

Évora é o novo nome da Petropar (Petroquímica Participações S.A.), *holding* que registrou receita líquida de R$ 1,8 bilhão em 2012. A empresa, que tem fábricas no Brasil, Peru, México, EUA, Suécia, Itália, Alemanha (onde está localizado também o centro de desenvolvimento) e China, atua na indústria petroquímica, além de ser fornecedora de bens intermediários para a indústria de consumo. A empresa decidiu mudar nome e logomarca após estudo que identificou conceitos relevantes para a tomada da decisão. “Mudamos nossa marca, mas nosso posicionamento estratégico, valores e filosofia empresarial permanecem. Temos uma cultura forte compartilhada pelas empresas e vamos continuar com foco em evolução”, afirma Geraldo Enck, o diretor presidente da companhia.

AZALEIA

A Vulcabras|azaleia anunciou recentemente a contratação do estúdio do designer Jorge Bischoff para assinar a criação e o desenvolvimento de produtos e planejamento estratégico das marcas femininas do grupo, Azaleia e Dijean. Bischoff será responsável pelo desenvolvimento das novas coleções, que estarão no mercado a partir do segundo semestre, nas lojas do Brasil e outros 15 países. “Acreditamos que Bischoff chega no momento certo, pois a empresa está em fase de reestruturação, modernizando suas operações e processos e buscando a profissionalização de sua gestão”, afirma Pedro Bartelle, Diretor de Marketing da Vulcabras|azaleia, em nota. “Vamos trazer o *know-how* de produto e de mercado acumulado na atuação em diferentes áreas e aspectos. O primeiro passo é estruturar conceitualmente as marcas e formular as estratégias e, simultaneamente, desenvolver as coleções já amparadas nessas concepções”, fala Bischoff.

Uma das maiores florestas do mundo é brasileira.

Uma das mais belas cataratas do mundo é brasileira.

Uma das sete maravilhas do mundo é brasileira.

Uma das cidades com o maior PIB do mundo é brasileira.

A maior festa popular do mundo é brasileira.

Uma das maiores empresas de petróleo do mundo é brasileira.

Somos a nº 1 brasileira de auditoria independente.

FAÇA A SUA ESCOLHA.

Lopes, Machado
Auditors, Consultants & Business Advisers

Independent Member of BKR International

SEDE Rio de Janeiro
Macaé - RJ • São Paulo - SP
Belo Horizonte - MG • Salvador - BA
Recife - PE • Vila Velha - ES • Cuiabá - MT

Credibilidade: fator que coloca a BKR entre as maiores empresas de auditoria e consultoria do mundo, com 280 escritórios em 72 países.

Auditoria • Auditoria de TI e Riscos Corporativos • Consultoria de Estratégia e Gestão • Consultoria Tributária e Trabalhista
Due Diligence • Treinamento Empresarial • Serviços Especiais

novosnegocios@bkr-lopesmachado.com.br

☎ **55 21 2156-5800**

21 anos

A PEC 115/11 e a diminuição de impostos sobre medicamentos.

*Sérgio Mena Barreto**

Dizer que "o Brasil é a nação dos impostos" é chover no molhado. É claro e inequívoco o fato de que o resultado do suor do trabalhador brasileiro, em excessiva quantidade, lhe é tomado em benefício do Governo. Os impostos incidem por diversas vias, impiedosamente. São tributos sobre a renda, sobre o consumo, sobre as transações, sobre os serviços e a produção. Ano após ano, a arrecadação estatal cresce de maneira progressiva.

Não é discutível a necessidade de impostos para financiarmos as ações básicas do Estado. O que, moralmente, deveria gerar um debate muito mais emocional são os impostos sobre produtos cuja compra não é optativa, mas sim forçosa para a manutenção da vida, o que é levantado pela PEC 115/11.

O Projeto de Emenda Constitucional, defendido e impulsionado pela Abrafarma, pretende alterar o inciso VI do art. 150 da Constituição Federal, para vedar a instituição de impostos sobre os medicamentos de uso humano. Ele já tramitou pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e está pronto para ser votado em plenário, em dois turnos, no Senado. Após a aprovação, o texto seguir para a Câmara dos Deputados, onde passará por uma comissão especial para nova análise do mérito pela CCJ – que por sua vez rediscutirá a constitucionalidade e, então, partirá para as duas votações finais no Plenário.

Ninguém escolhe comprar comida. Podemos até decidir qual alimento em específico, mas é inegável que, sem isso, não sobrevivemos. O mesmo caso é o dos medicamentos, em um nível mais crítico, já que pode interferir na vida dos outros de maneira mais óbvia e além do mero circulo familiar.

No que se refere às doenças geradoras de surtos epidêmicos, há uma demonstração direta da influência da falta de medicação sobre os seus colegas de trabalho, sobre as pessoas que andam nos mesmos transportes coletivos e vizinhos. Um caso sem tratamento expande a moléstia na sociedade com uma velocidade assustadora. Em episódios extremos como esses, ou mesmo nos mais simples, a redução dos preços, por influência de impostos menores, é obviamente salutar. Faz com que os cidadãos possam comprar medicamentos com menos peso no bolso e pelo período necessário prescrito pelo médico. E possibilita, inclusive, maior adesão ao tratamento em longo prazo, evitando agravos desnecessários e o consequente aumento de custos, tanto para o Estado quanto para os provedores privados de saúde.

Os resultados serão também importantes para os produtores e varejistas do setor químico-farmacêutico. A depreciação tributária cria todo um ambiente financeiro positivo, primeiramente para os consumidores intermediários e vendedores finais e, em segundo lugar, para os próprios fornecedores de matéria-prima. Isto porque a expectativa de vendas mais acentuadas e, portanto, aumento de receitas, amplia as possibilidades de acordos sobre preços e prazos.

O governo também pode sair beneficiado pelos resultados da PEC. De um lado, por conta da leitura moral que os contribuintes e eleitores farão sobre a desoneração tributária dos medicamentos e, por outro, pelos resultados econômicos. A redução de alíquotas do ICMS verificada no Estado do Paraná praticamente dobrou a arrecadação, que foi incrementada em 106% em um ano. Existe uma explicação econômica para o fato, conhecida no meio acadêmico como "curva de Laffer". O modelo teórico demonstra que há um limite para a cobrança de impostos e que, após esse ponto, a diminuição no fato gerador do imposto – no caso a circulação de mercadorias – reduz a arrecadação total.

Socialmente, pouco há que dizer. A população que será mais beneficiada advém das classes mais necessitadas. Dinheiro realmente importante deixará de ser gasto com esses impostos, com aumento da qualidade de vida dos cidadãos. Antes de tudo, trata-se de uma questão de justiça. Uma oportunidade de, enfim, criar-se consenso sobre uma medida que ajudará a todos, de maneira indiscriminada. É, então, uma questão de progresso.

** Presidente executivo da Abrafarma - Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias.*

Segurança da informação como aliada à gestão de riscos.

*Fernando Almeida Prado**

Conduzir os negócios com transparência e segurança é condição *si ne qua non* para todos os tipos de organizações. Contudo, para alguns setores esses requisitos são ainda mais importantes. É o caso, por exemplo, das instituições financeiras. Devido à natureza de suas operações, garantir a segurança das informações é fundamental para o bom andamento dos negócios.

Atualmente, tanto bancos como gestoras de investimentos devem seguir um conjunto de diretrizes que assegure o efetivo gerenciamento dos riscos. Isso porque, somente com informações mais precisas, seja sobre seus clientes seja sobre o mercado, conseguem ampliar sua capacidade de tomada de decisões estratégicas e, consequentemente, reduzir ao máximo possíveis perdas. Dentro desse cenário de gestão de riscos, os investimentos em segurança da informação ocupam um papel estratégico.

De acordo com um levantamento feito pela Febraban, em 2012, as instituições financeiras gastaram mais de R$ 20 bilhões com TI, um salto de R$ 8 bilhões em relação aos valores de 2008. Na média, a taxa de crescimento anual do gasto com TI tem sido na casa dos 10%. Isso faz com que o Brasil seja um dos principais mercados de tecnologia bancária no mundo, já que de todo gasto com tecnologia no país, 15% vem do segmento financeiro.

Um dos objetivos a ser alcançado ao investir em proteção de dados é garantir alta disponibilidade da informação e eliminar os ricos de falhas causadas por problemas em equipamentos ou outros sinistros. Imagine que uma gestora de fundos tenha o seu data center destruído por um incêndio, inundação ou tenha um problema queda de energia que a impeça a concretizar uma operação importante.

Além de perdas financeiras, a empresa teria que lidar com a quebra de confiança de seus clientes, um dos prejuízos mais sérios para as instituições financeiras, já que a relação cliente-empresa é um dos pilares da atuação neste setor.

Uma das soluções que podem ser adotadas é a adoção de um data center certificado protegido por uma sala-cofre. Data centers são ambientes planejados e construídos para proteger os dados vitais para o funcionamento das mais diversas atividades comerciais, industriais ou de prestação de serviço. Adicionando a proteção da sala-cofre, é possível contar com uma infraestrutura de energia, climatização e lógica com redundância para garantir a alta disponibilidade da informação.

Um bom data center, construído e mantido por empresas especializadas, garante a segurança física dos dados armazenados conta incêndios, inundações, acesso indevido, poeira, roubo, explosões, gases corrosivos, pulsos eletromagnéticos, além de possuírem controles de temperatura e umidade, monitoramento eletrônico, redundância de comunicação e geradores próprios de energia, sete dias por semana, 24 horas por dia.

Grandes instituições como Itaú, HSBC, Caixa Econômica Federal, Bradesco, Santander, BTG Pactual, JP Morgan e Banco do Brasil já investiram em tecnologias para proteger seus dados contra todo tipo de ameaça. E os benefícios não se restringem apenas à questão tecnológica.

Para o mercado financeiro, a tecnologia da informação exerce um papel mais crucial para a continuidade nos negócios do que para qualquer outro setor da indústria. Em nenhum outro segmento uma falha na continuidade da TI é tão diretamente proporcional ao resultado de uma perda econômica.

Dados os valores bilionários envolvidos em transações financeiras, uma parada de horas ou dias prejudicaria as finanças da empresa e também a imagem e valor de mercado. Logo, instituições financeiras que tratam a infraestrutura de TI como prioridade tem vantagem competitiva no mercado.

E as vantagens da proteção de dados também se estendem aos clientes e investidores, que veem no seu banco ou gestora de fundos uma relação de confiança na qual sua riqueza seja preservada e ampliada. Aprimorar constantemente a infraestrutura em segurança de dados e alta disponibilidade de informações é garantir que este relacionamento seja duradouro, reforçando a imagem da instituição como ambiente seguro e apropriado para o dinheiro do investidor.

** Diretor Comercial da Aceco TI.*

Financiamento de veículos bate recorde.

O mercado brasileiro para compra de veículos está aquecido. Atualmente, somos o quinto país que mais compra automóveis no mundo, atrás da China, Estados Unidos, Japão e Alemanha.

Grande parte deste cenário se deve aos incentivos de crédito para financiamento de veículos, que em 2012, foi marcado por medidas governamentais para incentivo do setor. Com a redução da alíquota do Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI), durante grande parte do ano, as vendas de automóveis se mantiveram aquecidas e a ANEF (Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras) verificou a consolidação do saldo das carteiras de financiamento para a aquisição de veículos no ano em R$ 201,6 bilhões, o que representa um crescimento de 0,3% em comparação com o ano anterior.

Outro fator foi o acesso facilitado ao financiamento de veículos. Entre os mais comuns estão o parcelamento direto com o banco – o famoso Crédito Direto ao Consumidor ou simplesmente CDC, o leasing e o consórcio.

Conheça as principais diferenças

CDC

Dos 3.634,4 milhões de automóveis e comerciais leves licenciados em 2012, 39% das vendas foram realizadas mediante o pagamento à vista, sendo o CDC a preferência de 51% dos compradores de veículos. Esta modalidade é a mais simples e sem muita burocracia. O consumidor pode parcelar o seu carro diretamente com a instituição financeira de acordo com o que ele precisa e com o que o banco pode oferecer. A vantagem é que, caso aprovado, o carro fica no nome do proprietário e, além disso, caso o dono do automóvel queira, pode antecipar a qualquer momento a liquidação total da dívida. A desvantagem é que os juros estão entre os mais altos do mercado.

CONSÓRCIO

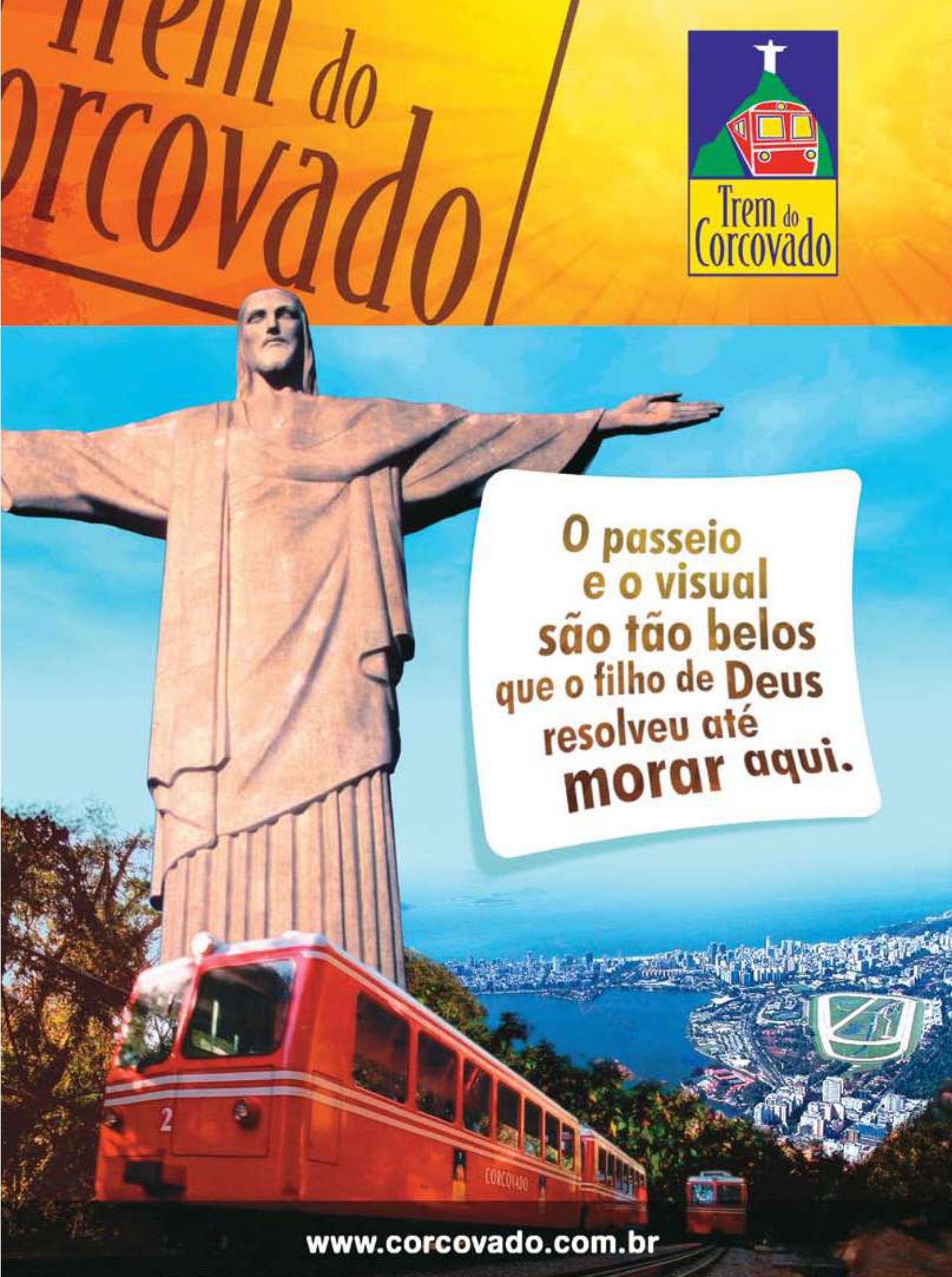
Em 2012, apenas 8% dos veículos foram adquiridos por meio de cotas de consórcio, modalidade que tem apresentado ótimos resultados, passando de 4% das vendas em 2008 para 8% do total de pagamentos em 2012. É o segundo meio mais utilizado pelos brasileiros e funciona como uma antecipação a aquisição de bens e é indicado para quem não tem pressa e pode programar a sua compra. Funciona da seguinte maneira: um grupo de pessoas paga mensalmente um determinado valor, que somado é igual ao preço cobrado pelo automóvel. Normalmente, todo mês duas pessoas são contempladas: uma por sorteio e outra por leilão – nesse último, ganha quem der o lance mais alto. Ao final do contrato, todos os integrantes desse grupo estarão com os seus automóveis em mãos.

LEASING

O leasing foi responsável por apenas 2% dos pagamentos de veículos em 2013, apresentando uma queda de 56,9% no número de novos contratos no ano, passando de 199,3 mil em 2011 para 85,8 mil em 2012. É a modalidade de compra menos utilizada, pois trata-se de uma espécie de locação financeira, onde você aluga antes de comprar. A instituição financeira compra o carro que o interessado ou a empresa escolheu e cobra todos os meses um "aluguel" para que o veículo seja usado. Durante este período, o automóvel fica no nome da instituição. Ao final do contrato existem três alternativas: ou o veículo pode ser comprado pela pessoa, ou o contrato pode ser renovado ou o bem pode ser devolvido à instituição financeira (no caso de pessoas jurídicas). A vantagem é que esta modalidade possui taxas menores que o CDC e é livre de IOF (Imposto sobre Operações Financeiras). O carro fica no nome do banco e existem grandes dificuldades para trocar, vender ou até antecipar a liquidação da dívida.

Expectativas para 2013

Apesar dos números positivos para 2012, o presidente da ANEF, Décio Carbonari, não acredita em um crescimento demasiadamente acelerado no número de financiamentos durante 2013. "O número de financiamentos deve ter uma elevação de 8%, passando de R$ 201,6 bilhões para R$ 217,7 bilhões, apresentando uma alta superior ao crescimento esperado, entre 3,5% e 4,5% do total de veículos licenciados no mercado interno durante 2013. Já para caminhões e ônibus ainda não é possível gerar projeções, mas acreditamos em um crescimento mais significativo para o segmento, caso se confirmem, por exemplo, as concessões de portos e aeroportos anunciados para este ano, além de outras melhorias na infraestrutura que não podem mais ser adiadas".


Trem do Corcovado
O passeio e o visual são tão belos que o filho de Deus resolveu até morar aqui.
www.corcovado.com.br

BKR - Lopes, Machado Auditores.

Mario Vieira Lopes e Paulo Sergio Machado, sócios-diretores da BKR.

Fundada no Rio de Janeiro há 21 anos, a BKR - Lopes, Machado Auditores, está sob o comando de Paulo Sérgio Machado e Mario Vieira Lopes, sócios da maior empresa brasileira de auditoria independente, situada na cidade do Rio de Janeiro.

O crescimento rápido da empresa, aliado à globalização da economia mundial, trouxe novos desafios e levou à busca de uma parceria internacional, a fim de possibilitar a aceitação destes.

Em março de 1995, a empresa tornou-se membro independente da BKR International, uma associação que é líder global de firmas independentes de contabilidade e consultoria de negócios e que representa a experiência de mais de 150 empresas-membro, com mais de 300 escritórios em mais de 70 países ao redor do mundo, todas irmanadas e compromissadas com elevados padrões técnicos e éticos.

"O objetivo foi o de permitir acesso á globalização aos nossos clientes em 72 países e a número um brasileira", explicam os sócios. Essa associação disponibiliza para a empresa brasileira o pleno acesso aos recursos mais avançados de todo o mundo.

Atuante nas áreas de Auditoria, Auditoria de Sistema, Consultoria Tributária, Trabalhista, Previdenciária e Empresarial, a BKR tem como objetivo orientar seus clientes em várias jurisdições, além de facilitar a coordenação e a prestação de serviços personalizados no âmbito internacional.

"Os serviços prestados garantem agilidade, competitividade e maior conhecimento do mercado brasileiro", afirmam os sócios. "A ideia é atender a todas as empresas que necessitem de credibilidade e cumprimento das exigências dos órgãos regulamentados na transparência de seus demonstrativos", acrescentam.

Dentre as empresas clientes estão o Grupo Queiroz Galvão, Opportunity, Carioca Engenharia, Hotéis Othon, Grupo Cowan, Capemisa Seguradora, Excelsior, entre outros.

”Estamos em um momento excepcional com a autoestima do brasileiro. O país está com pressa de crescer e de igualar aos Estados Unidos. Queremos mostrar que o Brasil deu certo, e que nós também daremos.”

A BKR está presente em Manaus, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Vitória, São Paulo e Porto Alegre. Isso porque diversifica seus investimentos, com foco na carreira de seus profissionais. “Possibilitamos a ascensão profissional por meio da pirâmide de valores e respeito profissional”.

TREINAMENTO EMPRESARIAL

O grupo possui uma divisão – a BKR Business School – cujo objetivo é oferecer treinamento empresarial em diversos setores da economia. Desde outubro de 1997 seus profissionais que ministram capacitação nas áreas Tributária, Financeira, Contábil, Auditoria, Trabalhista, Previdenciária, Fiscal e Recursos Humanos. Além disso, promove Seminários Executivos, oferecendo atualização de conhecimentos específicos de cada área, incluindo técnicas modernas de tomadas de decisão.

A BKR Business School também realiza reavaliação da cultura organizacional, pesquisa de clima, avaliação de desempenho, projetos de cargos e salários, entre outros. Além da programação regular, podem ser contratados cursos *in-house* para atender as necessidades específicas de cada cliente.

PANORAMA ECONÔMICO

Para os sócios da empresa, o atual panorama econômico é positivo. ”Estamos em um momento excepcional com a autoestima do brasileiro. O país está com pressa de crescer e de igualar aos Estados Unidos. Queremos mostrar que o Brasil deu certo, e que nós também daremos”.

No contexto atual de economia globalizada, o desafio das empresas é se tornarem cada vez mais competitivas. Preços acessíveis e qualidade de produtos/serviços deverão ser compatíveis com os padrões ofertados pelos concorrentes internacionais. Dessa forma, torna-se necessária a busca por consultorias especializadas nas mais diferentes áreas para que essas empresas possam viabilizar seus objetivos e firmarem-se cada vez mais nesse cenário globalizado.

Nesse sentido, a BKR tem atuado com sucesso no que diz respeito às demandas internacionais: ela realiza avaliação de empresas de diversos segmentos, estudos de viabilidade de empreendimentos, prospecção de novos investidores, fusões e aquisições, incorporações de cisões e reestruturação societária.

Também realiza avaliação de ativos (capacidade de recuperação de valor e valores segurados), ativo imobilizado (inventário de bens, gestão e controle, cálculo de vida útil econômica e valor residual, recuperação de tributos), ativo intangível (avaliação de marcas e patentes, e de sistemas informatizados), Normas Internacionais de contabilidade (consultoria para implantação das normas e definição dos critérios a serem adotados na implantação) e gestão interina de empresas (administração temporária para saneamento, reunião periódica com acionistas e instituições financeiras, implantação de normas e procedimentos de sustentabilidade e definição e evidenciação de contingências tributárias e ambientais).

O brasileiro frente a frente com sua expectativa de vida e aposentadoria.

Quais são as expectativas dos brasileiros em relação à aposentadoria e ao seu estilo de vida? As pessoas estão preparadas para o futuro? Uma pesquisa inédita realizada pelo HSBC mostra um surpreendente grau de otimismo em relação à segurança financeira e ao padrão de vida na aposentadoria. Apesar desse otimismo, a preparação para essa fase varia entre as gerações, os sexos, as regiões geográficas e uma boa parte dos brasileiros se preocupa com uma provável situação de vulnerabilidade no futuro.

A quarta pesquisa anual "O Futuro da Aposentadoria", sobre o trabalho e a aposentadoria, apresenta dados e a escala do envelhecimento. De acordo com a previsão das Nações Unidas, nas regiões mais desenvolvidas, o percentual da população com idade acima de 60 anos deve aumentar de 20% para mais de 30% até 2050. Nas regiões menos desenvolvidas, deve passar de 8% para 20%, e de apenas 5% para 10% nas regiões com menor desenvolvimento. Até 2050, a população mundial com mais de 60 anos chegará a 22%, ou seja, 2 bilhões de pessoas.

Por isso, a perspectiva de uma vida relativamente longa e saudável é real para muitos de nós, e aí estão os desafios e as oportunidades para todo indivíduo, país e governo.

Para uma parte dos brasileiros entrevistados (48% dos trabalhadores e 50% dos aposentados) os governos é que deveriam sustentá-los nesta fase da vida. No entanto, para a maioria, por falta de confiança do Estado, aquele que quiser ter uma aposentadoria tranquila deverá se garantir por si mesmo.

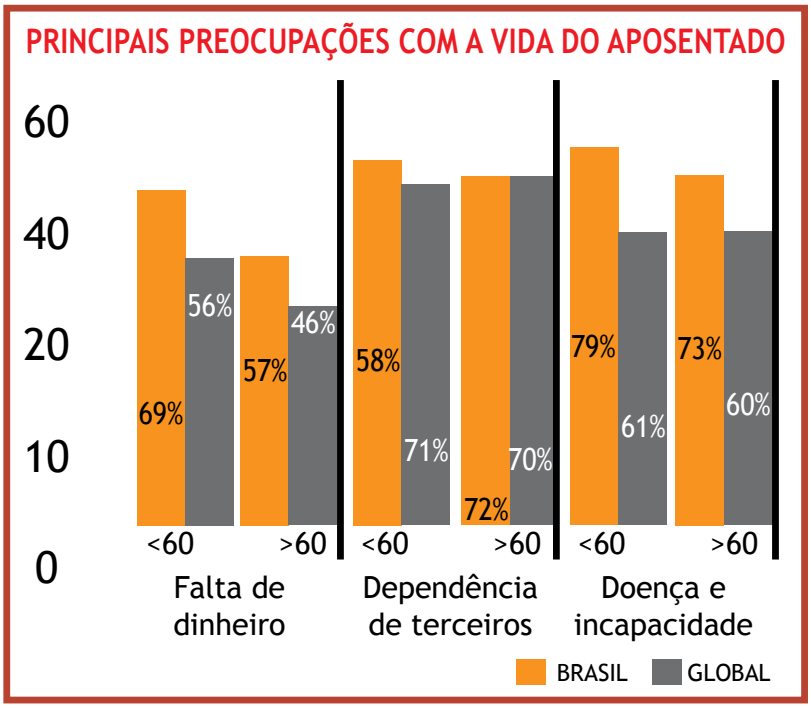
Essa parcela que considera o Estado responsável pela sua velhice, não tem certeza qual seria a medida ideal do governo para financiar o número cada vez maior de aposentados - 28% dos trabalhadores e 40% dos aposentados.

Uma das alternativas existentes e bem vista pelos entrevistados é de que o governo deveria exigir poupanças particulares adicionais. Mundialmente, 36% dos trabalhadores (e 29% dos aposentados) são a favores desse método. No Brasil, este é o meio preferido também. Cerca de 50% dos trabalhadores pesquisados e 40% dos aposentados são a favor, enquanto 15% dos respondentes escolheram o aumento da idade de aposentadoria.

Como as pessoas no Brasil estão planejando, preparando e investindo para suas aposentadorias? Todos os quatro pilares da renda de aposentadoria (governo, empregador, família e si mesmo) são considerados importantes.

Para os aposentados, o empregador é o segundo em relevância e si mesmo está em terceiro, enquanto pessoas que trabalham classificam a si próprias como mais importantes que o empregador. Além disso, uma boa parte dos brasileiros teme problemas de saúde, depender dos outros e não ter dinheiro suficiente na velhice.

Mais de 70% dos entrevistados em todas as faixas etárias temem depender de terceiros e ter problemas de saúde na aposentadoria. Mais pessoas no grupo que trabalha (69%) temem a falta de dinheiro na aposentadoria do que os aposentados (57%). Em relação a outros países, o Brasil tem a maior proporção (entre as economias pesquisadas nas Américas) de pessoas que temem doença/incapacidade e dependência e, junto com o México, tem a maior proporção de pessoas que temem não dispor de fundos suficientes para uma aposentadoria confortável.



Os desafios do brasileiro Roberto Azevêdo como presidente da OMC.

O diplomata Roberto Azevêdo, baiano de 55 anos, a partir de setembro, assume a Organização Mundial de Comércio – OMC, uma das organizações mais importantes do mundo econômico. Ele tem uma carreira pontual no Itamaraty e desde 2008 é o embaixador brasileiro na OMC. È a primeira vez que um brasileiro e um latino americano comanda a OMC. Fluente em inglês, frances e espanhol, é tido como excelente "negociador". Roberto Azevêdo teve em torno de 100 votos da totalidade de 159 países membros. Existem no mundo 213 acordos de livre comércio e 24 uniões aduaneiras.

Apesar disso, o Brasil precisa melhorar suas exportações, que hoje representam 1,4 % do total mundial. A União Européia lidera o ranking de exportações e importações, seguido dos EUA e China. Ao mesmo tempo, o nível de investimentos ainda não voltou ao nível de 2009. A perda foi de US$ 1, 8 trilhão, desde então.

Os principais desafios do embaixador Roberto Azevêdo à frente da OMC serão:

- Recolocar a OMC no centro das grandes decisões econômicas
- Tentar a redução de "barreiras protecionistas" nos países do G20
- Retomar a Rodada de Doha, que no momento está travada
- Resgatar o multilateralismo no comércio entre os países
- Inibir a tendência a uma regionalização do comércio mundial
- Fazer com que os EUA não veja a OMC com certo descrédito
- Equilibrar as decisões entre as nações mais e menos desenvolvidas
- Promover uma maior integração do Brasil à economia internacional
- Incentivar o desenvolvimento e a paz de seus países membros
- Ter mente aberta, ser menos pragmático e coerente.
- Exercer seu poder de liderança, mesmo em momentos críticos

BRANCO

Experiência e a melhor solução.

A ***Branco Consultores***, há 11 anos
tem um simples objetivo:
conquistar a confiança dos nossos clientes,
trazendo as melhores soluções.

ESPECIALIDADES:

>> CONSULTORIA TRIBUTÁRIA

>> ASSESSORIA JURÍDICA TRIBUTÁRIA

>> PERÍCIAS CONTÁBEIS

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 111 - 7º andar
Rio de Janeiro - CEP 20050-002
Tel. 21 3231 5900
Fax. 21 2531 9388

SÃO PAULO
Rua Vergueiro, 2087 - Cj. 101
Vila Mariana
São Paulo - CEP 04101-000
Tel. 11 5087 8910
Fax. 11 5087 8810

brancoconsultores.com

Guy Sodré, profissional e consultor de varejo.

1. Fale em poucas linhas, sobre seu curriculum e sua experiência no varejo.

GS - Trinta e cinco anos de comércio começando pela loja Mesbla (14 anos), passando por vários setores sendo que o mais importante foi o de compras, onde ocupei o cargo de diretor. Depois fui, diretor comercial do Cantão e Redley (durante3 anos) e, mais tarde tive meu próprio negócio de varejo, (por mais 2 anos, ligado ao *surfwear,* com mais dois sócios. Nos últimos 15 anos estou dedicado à assessoria e treinamento em varejo focado para pequenas e médias empresas. Atualmente trabalho com 40 marcas do segmento de moda têxtil masculina, feminina, infantil, lingerie, calçados, bolsas, acessórios, bijuterias e joias.

Planejamento de vendas /compras, mix de produtos são os pontos mais importantes do meu trabalho.

2. Qual a importância do varejo para o comércio e a economia brasileira?

GS - O varejo é um dos termômetros mais importantes da economia. É o primeiro a sentir a crise e o primeiro a sair dela também. O varejo emprega diretamente milhões de pessoas e indiretamente outras milhares que vêm da indústria de transformação.

3. Dê um exemplo de diferencial estrangeiro que gostaria de ver adotado no mercado brasileiro?

GS - A tributação única no ponto de venda assim como os EUA fazem é a nossa ÚNICA saída. Outro tão importante quanto, é a importância que o governo de outros países dá às indústrias. Aqui as indústrias da moda estão abandonadas. A China e Ásia vieram com força total e o industrial está sem saída. O varejista tem que se virar para conseguir melhores preços e mais tecnologia, portanto, está importando demais produtos acabados lá fora.

4. Qual a sua opinião sobre a ascenção da nova classe social brasileira, menos abonada mas numerosa?

GS - As novas classes sociais estão aprendendo e descobrindo, com o tempo, a escolher novas marcas. Ficaram muito reféns do crédito fácil nos últimos 5 anos, o que está prejudicando o crescimento atual do varejo. O endividamento é gigantesco.

5. Quem compra e de que forma é feita a compra hoje em dia, seja homem ou mulher?

GS - A mulher é responsável pela maioria das compras. Ela é mais impactada pela mídia. A percentagem dos homens também cresceu. Através do cartão de crédito, ("dinheiro de plástico"), ficou mais fácil e seguro para todos.

6. Como vê o varejo no Rio, que está recebendo marcas famosas em função dos grandes eventos que estão para acontecer aqui?

GS - As marcas vêm para o Rio mais como marketing/ imagem. Como os preços destas griffes aqui no Brasil são caríssimos quando comparamos com outros países, não acredito em grandes expansões. Enquanto a tributação estiver do jeito que está, as marcas não virão em escala para o Brasil.

QUEM CONHECE CONFIA.

TERCEIRIZE SUA CONTABILIDADE

Experiência, credibilidade

e atendimento personalizado.

O melhor custo e benefício para sua empresa,
desde 1998.

Grupo
PPF Brazil
Contadores

Nossos Serviços

- Contabilidade
- Impostos
- Folha de Pagamento
- Controle Patrimonial
- Controle Financeiro
- Peritagem Judicial
- Due-diligence
- Conselho Fiscal
- Reorganização Societária

Escritório Central: Av. Presidente Vargas, 435 - 13 º andar - Centro - Rio de Janeiro
Tel. 55+(21)2224-3794 www.ppfbrazil.com.br

Economia Verde

Em menos de uma década, as energias renováveis se consolidaram no mercado e deixaram de ser consideradas energias do futuro para energia do presente. Em 2012, o setor das energias renováveis receberam cinco vezes mais investimentos do que em 2004.

220 mil pessoas morrem todos os anos no mundo vitímas de doenças causadas por agrotóxicos. Segundo a OMS, o número de intoxicações agudas chega a três milhões. Pelo sexto ano consecutivo, o Brasil deverá ser o campeão mundial no consumo de defensivos agrícolas.

Para enfatizar a importância da preservação, a ONG Conservação Internacional, com o apoio da ONU, estabeleceu quais são as dez florestas mais ameaçadas do mundo. Com apenas 10% de sua cobertura vegetal original, a Mata Atlantica, na costa brasileira, é uma delas. As outras são: Indo-Birmania, Afromontage e do Litoral na Africa Oriental, Madagascar, Sudoeste da China, Provincia Florística da Califórnia, Filipinas, Sunda na Indonésia e a da Nova Zelandia.

A coleta de lixo mecanizada é tendência no mundo, onde já vem sendo adotada em cidades como Toronto, Barcelona, Lisboa, Abu-Dhabi e também São Paulo. O Rio de Janeiro precisa urgente dessas lixeiras, agora que jogar papel no chão dá multa. A "coleta mecanizada" é um sistema composto por coletores de aço que ficam nas calçadas e por reservatórios subterrâneos. Eles tem capacidade para 8 mil litros de resíduos e funcionam automaticamente. Quando atingem 80% do limite, uma mensagem é enviada para uma central e um caminhão troca os reservatórios.

Dica da coluna, doe seu lixo! Veja como no site www.doeseulixo.com.br e conheça essa ONG, exemplo para todos no Brasil.

Fundada em 2003, pela atriz Isabel Fillardis e por seu marido, o gestor ambiental Julio César Santos, o Instituto procura conciliar desenvolvimento, geração de empregos, aumento de renda, qualidade de vida e redução de impactos ambientais.

US$ 4,7 tri é o tamanho do prejuízo ambiental causado anualmente por 500 atividades econômicas ao redor do mundo. O calculo faz parte do estudo sobre Economia dos Ecossistemas e Biodiversidade, divulgado pela ONU.

Entre os planos ambientais para 2016 da SC Johnson estão metas para redução de embalagens, aumento de materiais reciclados. Pós consumo e a compensação do uso de material virgem em todos os países em que atua. No Brasil, há um foco específico na área de embalagem e produtos. Para o desenvolvimento de iniciativas na comunidade está reservado R$ 1,2 milhão neste ano.

Uma usina energética movida a óleo de cozinha usado está sendo construída na Inglaterra para ser inaugurada em 2015. O projeto, deve gerar energia suficiente para abastecer 40 mil casas. Os responsáveis esperam recolher 30 toneladas de gordura por dia em restaurantes, bares, cafés e empresas de Londres e de outras cidades próximas.

As 25 leis bíblicas do sucesso.

A Bíblia é o melhor manual sobre o sucesso já escrito até hoje. Além de religião, o livro apresenta os valores fundamentais para se construir uma base sólida para a vida profissional. E foi nessa fonte de sabedoria milenar que William Douglas e Rubens Teixeira garimparam as orientações para consolidar as leis que compõem o livro "**As 25 leis bíblicas do sucesso**", lançamento da **Editora Sextante**. São lições sobre a importância do esforço e da dedicação ao trabalho, da incansável busca de conhecimento e evolução pessoal, do respeito aos outros e, acima de tudo, de um forte senso de honestidade.

William Douglas é juiz federal/RJ, professor universitário e autor de 35 livros. Rubens Teixeira é diretor financeiro e administrativo da Transpetro, analista do Banco Central, professor, escritor e palestrante. Eike Batista assina o prefácio do livro. Para ele, os valores determinantes para o sucesso – como disciplina, força de vontade, capacidade de crescer com as dificuldades, inteligência, criatividade, coragem, determinação e autocontrole – estão expressos na Bíblia em diferentes passagens.

Para comprovar a eficácia das 25 leis, William e Rubens mostram que os princípios de sucesso de outros grandes empresários e pensadores da administração, como Warren Buffett, Napoleon Hill e Jim Collins, também são calcados em passagens das escrituras. Também dão exemplos de pessoas que venceram na vida seguindo os preceitos bíblicos, às vezes sem motivação religiosa ou até mesmo sem saber a origem dos ensinamentos pelos quais se pautavam.

De acordo com eles, o Brasil não tem uma cultura dedicada ao trabalho, o que faz com que muitas pessoas tenham quase raiva de quem progride. "No Brasil, ou as pessoas têm medo de ter ambição e crescer, achando que isso é feio, ou descambam para o outro lado, tornando-se egoístas ou materialistas e colocando o dinheiro e o sucesso acima de valores mais importantes. São dois erros igualmente prejudiciais à própria pessoa e à sociedade", completam.

www.gaiasilvagaede.com.br

GAIA · SILVA · GAEDE & ASSOCIADOS

ADVOCACIA E CONSULTORIA JURÍDICA

Tributário · Societário · Energia · Oil & Gas · Navegação
Telecomunicações · Financeiro · Econômico

ESCRITÓRIOS

SÃO PAULO, SP
Rua da Quitanda, nº 126
Fone: +55 11 3797-7400
e-mail: gaiasp@gaiasilvagaede.com.br

RIO DE JANEIRO, RJ
Av. Rio Branco, 116 - 9º E 10º andares
Fone: +55 21 2506-0900
e-mail: gaiarj@gaiasilvagaede.com.br

CURITIBA, PR
Rua Mal. Deodoro, 344 - 14º andar
Fone: +55 41 3304-8800
e-mail: gaiapr@gaiasilvagaede.com.br

BELO HORIZONTE, MG
Avenida do Contorno, 7069
Salas 508 a 512
Fone: +55 31 2511-8060
e-mail: gaiabh@gaiasilvagaede.com.br

BRASÍLIA, DF
SRTVN Quadra 701 Conj.C nr. 124
Ala A Salas 519 e 521
Fone: +55 61 3327-9947
e-mail: gaiadf@gaiasilvagaede.com.br

SÃO PAULO · RIO DE JANEIRO · CURITIBA · BELO HORIZONTE · BRASILIA

ESCRITÓRIOS CORRESPONDENTES: BUENOS AIRES · LIMA · SALT LAKE CITY · MIAMI · NEW YORK

Educação e mercado de capitais como opções de crescimento para o Brasil.

*Lucas Varnieri Rosa**

Há um enorme movimento para trazer novas empresas para o mercado de capitais, usando todos seus instrumentos disponíveis: de dívida ao mercado acionário. Iniciativas diversas tomam forma através de entidades de classe, escritórios de advocacia, empresas independentes, consultorias especializadas e até mesmo o governo, em menor parte.

Mecanismos para facilitar às empresas acesso ao mercado de capitais, como o BovespaMais, a flexibilização da CVM quanto às exigências de listagem para empresas de menor porte e longas discussões dão o norte para os planos ambiciosos dos setores. Seminários nos mais diferentes lugares e uma ampla rede debates influenciam o caminho dessas aspirantes ao mercado de capitais.

Por outro lado, apesar da luta exaustiva de todos os setores que buscam essas propostas, o governo raramente tem colaborado no sentido de promover um ambiente com infraestrutura, estabilidade, agilidade e confiança. A reputação do país não está de acordo com aquilo que investidores e empresários, de um modo geral, gostariam.

Paralelamente a toda essa discussão, empreender virou moda. Uma onda de micro e pequenas empresas está surgindo. Acabamos de sediar o Fórum do Empreendedorismo Global que trouxe o Rio de Janeiro ao holofote, e outras redes e instituições estão se esforçando para transformar a cidade numa capital do empreendedorismo. Sem dúvida, empreender nunca foi um sonho tão almejado.

Infelizmente, correndo na contramão dos esforços desenvolvimentistas, nossos estudantes estão cada vez mais vulneráveis a um ensino decadente e na maioria das vezes ultrapassado. São vítimas constantes de ideologias contrárias ao progresso, fazendo com que, além de não engajados na economia real, levantem bandeiras que muitas vezes não sabem sobre o que significam.

Como mercado de capitais, empreendedorismo e educação se conectam? "Para mudar um lugar, mude toda uma geração".

Se o mercado de capitais quiser crescer no país, acredito ser essencial que o empreendedorismo não seja apenas "moda" e que, acima de tudo, comecemos a prestar mais atenção sobre o que está sendo ensinado nas escolas e universidades. Deveríamos cobrar uma educação que apresente opções de crescimento, que mostre aos jovens o que é empreender e quais os caminhos possíveis para isso. Conjuntamente, quebrar dogmas sobre o mercado de capitais: jogo de loteria, elitista ou simplesmente algo destrutivo? Há algo mais democrático que um funcionário ter a opção de investir ou ter ações da empresa que trabalha?

O que entendo como pilar mestre nesse processo é a transformação do jovem em um potencial empreendedor, investidor ou executivo, apresentado a ele o mercado de capitais como alternativa de crescimento - desde o *Venture Capital* até listagem em Bolsa. Tornar mensurável e palpável o caminho que há a sua frente certamente resultará, a médio e longo prazo, num número crescente de empresas e em investidores melhor informados e capacitados. Portanto, criar recursos humanos qualificados com mentalidade empreendedora, baseados na competitividade e meritocracia, informado sobre as opções de crescimento é a melhor maneira de desenvolvermos o Brasil.

*** Internacionalista.**

O custo da burocracia para a abertura de capital.

A burocracia interna para autorizar as empresas a iniciarem um processo de abertura de capital no Brasil é bastante desgastante, além de onerosa. Nesta seção vamos apresentar um resumo dos principais custos burocráticos e financeiros atribuídos a esses procedimentos. Esses custos podem ser classificados em quatro categorias:

1) Legais e institucionais, abrangendo o pagamento de taxas da CVM e das bolsas de valores, as anuidades, a manutenção de um Departamento de Acionistas e de um Departamento de Relações com Investidores, etc.

2) Publicidade, abrangendo os gastos com o prospecto e com a divulgação de informação sistemática sobre as atividades da empresa.

3) Intermediação financeira, abrangendo a remuneração dos trabalhos de coordenação; eventual garantia e distribuição; a contratação de empresa especializada em emissão de ações escriturais, custódia de debêntures, serviços de planejamento e de corretagem e underwriting; a contratação de serviços de auditores independentes mais abrangentes que aqueles exigidos para as demais companhias, etc.

4) Outros custos internos, abrangendo a alocação de pessoal para acompanhamento do processo, a montagem de estrutura interna para dar suporte à abertura, o que inclui a reformulação do Departamento de Contabilidade – que produzirá toda a base das informações a serem fornecidas aos gestores, aos auditores e ao mercado como um todo.

O rigor a que as empresas se submetem ao sinaliza-rem a abertura de capital poderia ser facilitado, o que levaria o mercado a se fortalecer. A criação de processos mais simplificados para o registro das empresas e das emissões, da prestação de informações e da redução de custos estimularia as empresas a abrir o capital.

É claro que para fomentar o mercado de capitais e torná-lo atraente é necessário que os investidores tenham confiança na lisura dos procedimentos e na credibilidade e transparência nas informações prestadas; mas o exagero de normas, custos altos, informações minuciosas e multas pesadas assustam as empresas, que ficam com receio de abrir o capital e não conseguir atender a todas as exigências legais e respectivas despesas. Isso desestimula outras empresas a abrirem o capital.

RECALL LEDGER
CONTADORES & CONSULTORES

Há 15 anos atuando na prestação de serviços nas áreas contábil, tributária, administração de pessoal, financeira e de consultoria empresarial.

Avenida Presidente Vargas, 509/10º andar - Centro - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2221- 5775
www.recall-ledger.com.br

Retrato 3 x 4 do mercado de fusões e aquisições no primeiro quadrimestre de 2013.

Segundo pesquisas realizadas no primeiro quadrimestre de 2013, as fusões e aquisições neste ano estão em baixa, mostrando a preferência de executivos por financiamento bancário ou investimento na compra de participações em empresas.

Segundo dados da pesquisa realizada pela consultoria global Grant Thornton International com 12,5 mil pessoas em 44 países, 26% dos executivos brasileiros esperam crescer por meio de fusões e aquisições de 2013 a 2015. No ano passado, o número era de 40%.

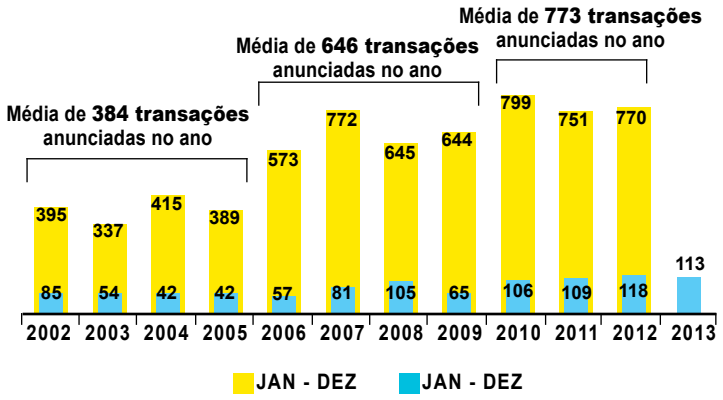
Dos participantes brasileiros, 47% dão preferência a investimentos na compra de participações em empresas (*private equity*) e outros 48% para financiamento bancário. O cenário internacional muda um pouco: 62% dos executivos preferem a utilização de lucros retidos, 48% por financiamento bancário e 18% *private equity*.

Os números totais de fusões e aquisições no Brasil provam que o setor está em baixa. Em abril, foram anunciadas 60 operações, o que indica queda de 10% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Se a comparação for do trimestre, houve uma queda de 17% no volume de transações.

Foram realizadas transações em 19 setores da economia brasileira. Os setores de Tecnologia da Informação e serviços para empresas foram os mais ativos no mês de abril. A mais importante operação foi a fusão entre a rede de ensino privado Kroton Educacional e a Anhanguera Educacional criando uma gigante mundial do setor. A operação envolvendo ações está avaliada em cerca de R$ 5 bilhões.

Os setores que apresentaram maiores quedas no número de transações no primeiro quadrimestre do ano, em relação ao mesmo período de 2012, foram: COMPANHIAS ENERGÉTICAS (9 operações contra 20 em 2012); IMOBILIÁRIO (2 operações contra 12 em 2012); PRODUTOS DE ENGENHARIA (1 operações contra 10 em 2012); HOTÉIS E RESTAURANTES (3 operações contra 8 em 2012).

Total de transações ano x total de transações 1º bimestre



Compras governamentais com qualidade e economia.

*José Carlos Freitas**

Comprar grande volume de produtos e, ao mesmo tempo, gerar eficiência, qualidade e economia. Esse foi o grande desafio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) quando adotou, em 2008, o Registro de Preços Nacional (RPN) como modelo de gestão para compras governamentais da área educacional.

Responsável pelas compras para programas do Ministério da Educação, como equipamentos de informática, uniformes, ônibus escolares, bicicletas, mobiliário, tablets, entre outros, para prover escolas da rede pública de ensino de todo o país, o FNDE, com o RPN, permitiu uma economia de cerca de R$ 2 bilhões aos cofres públicos entre 2008 a 2012.

Realizado somente por pregão eletrônico, o RPN constitui-se numa modalidade de licitação que permite a realização de um único processo de compra sem necessariamente efetivar qualquer contrato, disponibilizando apenas o registro de preços obtido por meio de pregão eletrônico. Com o processo centralizado é possível obter ganhos de escala reduzindo sobremaneira os preços dos produtos licitados.

Com a adesão de municípios e estados à ata de preços do FNDE, é possível garantir maior racionalidade e transparência ao processo de compras; melhor ganho de escala praticável; rigorosa padronização nacional; redução dos custos operacionais; e controle de qualidade do produto a ser adquirido por intermédio da atuação segura e precisa de órgãos de referência na área, como a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), o Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro), o Instituto Falcão Bauer, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas da USP, entre outros.

Para os pregões eletrônicos do RPN, segue-se, rigorosamente, um roteiro que tem garantido a economicidade, a eficiência e a eficácia das aquisições. Primeiro, há definição da demanda com base em estudos específicos, utilizando dados do Censo da Educação Básica (Inep) ou pesquisas de campo, com a intenção de compreender o universo a ser atingido. O segundo momento é a especificação padronizada, que tem como objetivo garantir a qualidade e a inovação aos produtos a serem adquiridos. O FNDE, em parceria com universidades federais, Inmetro e institutos federais de pesquisa, concebe as especificações dos produtos considerando as necessidades do usuário final.

Em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), é realizado estudo de mercado, que incide sobre as variáveis contextuais econômicas, demográficas e sociais como: cadeia produtiva, capacidade de produção e estratégia de logística, impacto da quantidade pretendida no mercado, estratégia de compra e definição de preços de referência comparados a preços praticados em compras similares efetuadas pelo FNDE em anos anteriores, que leva em conta, em especial, a série histórica de realização dos pregões eletrônicos para RPN, além daqueles praticados pelos demais estados e pelo próprio governo federal.

Com base nesse estudo, cidadãos interessados e principalmente o setor produtivo ligado ao objeto pretendido, além de seus representantes que normalmente estão organizados em associações, participam de audiência pública em que são apresentados e definidos os modelos, protótipos e especificações preliminares. A audiência pública consolida o processo de transparência de todo o modelo. As alterações e sugestões propostas servem de alicerce para a definição das especificações finais dos produtos.

Somente após todo esse processo é publicado edital para o pregão eletrônico. Assim, municípios e estados poderão aderir às atas de registro. Mais uma vez sem papel, a transferência dos recursos federais é direta. Cabe aos estados e municípios, a assinatura dos contratos e às empresas vencedoras do pregão, a produção e a entrega dos produtos contratados. Com o RPN, o FNDE passou a comprar com maior transparência nos processos de licitações, rapidez na contratação, padronização e controle de qualidade, além de economia aos cofres públicos.

** Presidente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).*

Internet em excesso reduz produtividade do funcionário.

*Ricardo Trotta**

A internet representa hoje uma importante ferramenta em nosso cotidiano. Não se imagina mais um mundo sem ela, mas é importante atentar para que o seu uso seja adequado, principalmente dentro do ambiente de trabalho.

Não é raro um profissional interromper uma atividade no trabalho para atender o celular, mandar mensagens, checar e-mails ou atualizar redes sociais. Tantas distrações digitais acabam impactando negativamente na produtividade do funcionário. Pesquisas apontam que, após distração com alguma ferramenta digital o tempo médio necessário para se retomar o foco na tarefa executada anteriormente é de 20 minutos. Além disso, este hábito torna o trabalho mais difícil e prejudica o pensamento criativo.

Estudo constatou que 80% dos empregados gastam até três horas da jornada de trabalho com atividades estranhas à função.

A abundância de ferramentas digitais acabou produzindo um efeito inverso ao esperado. Ao invés de promover maior produtividade e tornar o trabalhador mais acessível, acabou por expô-lo a um constante bombardeio digital que também prejudica a sua capacidade de assumir suas responsabilidades com o foco e empenho necessários. O que nunca é satisfatório para empregado e empresa.

Estudo da Triad, empresa de consultoria especializada, constatou que 80% dos empregados gastam até três horas da jornada de trabalho com atividades estranhas à função. Diante desse cenário, as empresas se veem obrigadas a criar um modelo novo de gestão para promover o melhor uso de mídias sociais e outras ferramentas de comunicação que envolvem treinamentos e a integração de ferramentas no ambiente de trabalho, que proporcionem a comunicação e informação com outras pessoas dentro do seu contexto de trabalho.

Essa mudança de gestão pode promover maior clareza sobre o melhor uso das ferramentas digitais pelos funcionários, resgatar o foco do trabalhador nas suas obrigações mais importantes e, consequentemente, estimular maior produtividade.

Evitar o mau uso da internet e das demais ferramentas digitais pode, ainda, reduzir a necessidade de advertir o funcionário pela conduta inadequada, além do

número de demissões por justa causa e do volume de ações trabalhistas movidas em sua decorrência. O TST, por exemplo, reconheceu recentemente a demissão por justa causa de um funcionário que utilizava o equipamento de trabalho para acessar sites de relacionamento, trocando mensagens de correio eletrônico com piadas grotescas e imagens inadequadas, como fotos de mulheres nuas.

No Distrito Federal, uma funcionária tentou reverter demissão por justa causa alegando violação de sigilo de correspondência, pois a empresa em que trabalhava usou mensagens do e-mail coorporativo para provar que ela estava maltratando clientes. Mas a Justiça negou o pedido, entendendo que o e-mail corporativo é uma ferramenta de trabalho e, portanto, não se enquadra nas hipóteses previstas nos incisos 10 e 12 do artigo 5º da Constituição Federal, que tratam, respectivamente, da inviolabilidade da intimidade e do sigilo de correspondência.

O controle do e-mail e a disciplina do funcionário ainda são as maneiras mais eficazes, tanto de proteção e fiscalização das informações que tramitam na empresa, inclusive sigilosas, quanto de evitar o mau uso da internet, que pode até mesmo atentar contra a moral e os bons costumes, causando prejuízos tanto para a empresa, quanto para o funcionário.

**** Especialista em direito empresarial. Sócio-fundador do escritório Ricardo Trotta Sociedade de Advogados.***

Expediente

O Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças - IBEF Rio de Janeiro - criado em 19 de maio de 1971, na cidade de sua sede nacional, o Rio de Janeiro, é uma entidade sem fins lucrativos considerada de utilidade pública nas esferas de governo federal, estadual e municipal, apartidária e que reúne os principais executivos e empresários do país.

Avenida Rio Branco, 156/4º andar Ala C - Centro - Rio de Janeiro, RJ - CEP:20040-003 - Tel: (021) 2217-5555 Fax: (21) 2262-6247- www.ibefrio.org.br

BIÊNIO 2013/2015 - IBEF RIO DE JANEIRO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente - *Márcio João de Andrade Fortes*

Vice-presidente - *Theophilo de Azeredo Santos*

Membros - *Ary da Silva Graça Filho, João Carlos França de Luca, Manuel Fernandes Rodrigues de Sousa, Ricardo Emmanuel Vieira Coelho, Roberto Castello Branco, Roberto Procópio de Lima Netto e Thomas Klien.*

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente - *José Carlos Monteiro*
1º Vice-presidente - *Ricardo Emmanuel Vieira Coelho*
Vice-presidentes - *Eduardo Felipe de Jesus Teixeira, Gustavo Damazio de Noronha, João Carlos Peixoto de Lima, José Octávio Vianello de Mello, Sérgio Burrowes Raposo e Stefan Alexander.*

Diretor Executivo - *Marcos Chouin Varejão*

CONSELHO FISCAL

Presidente - *João Carlos Reichmann Mader*

Membros - *Claudio Roberto Contador e José Carlos Fardim,*

Suplentes - *Luiz Affonso Romano, Luiz Eduardo Marinho e Ricardo Duarte Carneiro Monteiro.*

Conselho Consultivo
Ary da Silva Graça Filho, Marcos Chouin Varejão, Ney Roberto Ottoni de Brito, Orlando Galvão Filho, Reynaldo Vilardo Aloy, Theóphilo de Azeredo Santos e Valmar Souza Paes.

Diretoria Adjunta
Aldo Henrique Ramos, Aloysio Sérgio Fagundes de Azevedo, Luiz Antonio Ferreira de Queiroz, Roberto Haddad e Sérgio Faria Lemos da Fonseca Júnior.

Revista IBEF

Conselho Editorial
Eduardo Facó Lemgruber, Henrique Luz, João Paulo dos Reis Velloso, José Gandelman, Luiz Leonardo Cantidiano, Márcio Fontes, Marcos Chouin Varejão, Merval Pereira, Nilton Molina, Renato Flores, Roberto Lima Netto, Sidney Rezende, Theóphilo de Azeredo Santos, Valmar Paes

Editor Responsável
Eduardo Cantidiano

Coordenação Editorial
Mara Iglesias

Jornalista
Vilma Goulart (MTB 18585)

Programação Visual
Red Design Comunicação

Fotos
Acervo do Ministério da Fazenda - RJ
Banco de imagens Red Design.

Publicidade e Marketing
EC - Editora e Comunicação
Eduardo Cantidiano
e.cantidiano@openlink.com.br
(21) 9619-0771

Distribuição
Simone Lira

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução de artigos publicados na Revista IBEF, desde que citada a fonte.
O IBEF não se responsabiliza por opiniões emitidas em artigos assinados.

Um a um, sem erros e a custos menores.

*Marcos Paim C. Fonteles**

A transição dos processos físicos para digitais tem aberto uma nova perspectiva de relacionamento entre empresas e consumidores. Antes o que era impossível tecnicamente ou inviável por custo, hoje ao clique de um mouse, é estabelecida uma comunicação direta, imediata e sem intermediários.

Esse movimento só se tornou possível, por conta da inclusão tecnológica em andamento, ela é o tema central das nações mais desenvolvidas do mundo. O caminho para o futuro, passa necessariamente, pelo acesso crescente de milhões de pessoas à rede mundial de computadores e ao crescimento exponencial de telefones celulares e smartphones, que anunciam uma revolução no sistema tradicional de comunicação, pagamentos e transações financeiras. A estimativa é que o mundo terá 10 bilhões de aparelhos em funcionamento em 2016, sendo a maioria o principal veículo de acesso à internet.

No recente estudo "Measuring The Information Society" (2012), divulgado pela União Internacional de Telecomunicações (UIT), organismo das Organizações das Nações Unidas (ONU), o Brasil foi considerado o segundo país do mundo mais dinâmico em telecomunicações.

De acordo com o levantamento, o Brasil subiu sete posições no Índice de Desenvolvimento de Tecnologias de Informação e Comunicação (IDI), que mede o desempenho de 161 países, considerando 11 indicadores, entre eles: infraestrutura de acesso; uso dos serviços; e, capacidade da população em utilizá-los.

O estudo dá um destaque especial para o rápido avanço da banda larga no país, principalmente pela conexão móvel. O levantamento mostra que o Brasil ocupa o primeiro lugar na América Latina em penetração da internet pelo celular, com 21 acessos em cada grupo de 100 habitantes. Considerando as Américas, o mercado brasileiro está na terceira colocação, atrás apenas dos Estados Unidos e Canadá.

Segundo a Universal Postal Union (UPU), principal organização do segmento postal mundial, no ano de 2011, foram enviados no Brasil cerca de 8,6 bilhões de cartas. Estima-se que 80% desse volume seja referente a billing, documentos transacionais ou faturas. Logo, o mercado produziu cerca de 7 bilhões de documentos transacionais impressos. Considerando-se que a população brasileira naquele ano era de 196 milhões de habitantes, pode-se afirmar que o cidadão brasileiro recebe, em média, cerca de 36 documentos por ano. No mesmo ano, a Fecomércio-RJ divulgou levantamento sobre a população que possui acesso a internet e esse número chegou a 94 milhões de brasileiros, ou seja, 48% da população. Segundo estes dados, chegamos a conclusão de que cerca de 3,4 bilhões de documentos transacionais possuem potencial para migrarem do formato físico para o digital.

A logística postal para distribuição de documentos transacionais será afetada por esta tendência. O ciclo de pagamentos, hoje dependente de materiais impressos, deverá ser simplificado com a adoção de tecnologias de Customer Communication Management (CCM) e Mobile Payment.

O CCM utiliza uma abordagem que integra diversos meios de comunicação, a chamada Comunicação Multicanal, quando materiais impressos convivem em harmonia e absolutamente integrados com e-mails, mensagens SMS, aplicativos para celulares (Apps), comunicações em web ou TV digital, entre outros. Desta forma, o cliente tem acesso às suas informações e necessidades da forma mais conveniente, na plataforma que estiver ao seu alcance. Para as empresas, além da possibilidade de um melhor serviço, esta comodidade reduz drasticamente custos de comunicação.

Bancos, empresas de varejo, telecom ou utilidades, que naturalmente têm em sua base milhões de clientes, conhecem bem os custos e riscos de uma comunicação individualizada. Contas de postagem podem ultrapassar as cifras de dezenas de milhões de reais por ano. Isso ainda sem considerar prejuízos com comunicações não integradas, que geram demandas em call centers, onde em média, cada ligação custa cerca de R$ 6.

Não por outro motivo, que a implementação de projetos de inteligência postal e gestão de comunicação multicanal têm entrado nos planos e metas dos CEOs das principais empresas do país.

No entanto, esta migração não é simples. Apesar da tecnologia disponível, dados de faturamento ou informações financeiras são críticos e, principalmente, confidenciais. Diferentemente de outros segmentos, depende de uma operação com erro zero. Trabalha-se todos os dias com a matéria-prima mais importante para pessoas e empresas, o dinheiro.

A comunicação multicanal é um movimento crescente e está modificando a relação entre empresas e consumidores. No entanto, são necessários, além de tecnologia, conhecimento e experiência no assunto. Gerido adequadamente, este processo pode ser feito de forma simples, segura e, principalmente, com significativas reduções de custos.

** CEO da Digital Post, empresa do Grupo Suzano.*

MULTITERMINAIS
LOGÍSTICA INTEGRADA

*Usando tecnologia de ponta como: **SAP R/3**, **Navis SPARCS** e também **software proprietário**, oferecemos rastreamento em tempo real de toda a cadeia logística.*

terminais marítimos

*Operamos dois terminais adjacentes no Porto do Rio de Janeiro, o **Terminal de Contêineres MultiRio** e o **Terminal de Veículos MultiCar**, ambos sob concessão da Cia Docas do Rio de Janeiro.*

portos secos

*Localizados estrategicamente nas cidades do **Rio de Janeiro**, **Resende** e **Juiz de Fora**, recebemos cargas importadas e a exportar sob diversos regimes aduaneiros.*

terminais aeroportuários

*Geograficamente localizado entre os principais aeroportos brasileiros, o **Aeroporto Presidente Itamar Franco** está equipado para decolagem e pouso dos maiores aviões cargueiros e de passageiros.*

logística integrada

*Através da nossa rede integrada de portos marítimos, portos secos e terminais aeroportuários, **oferecemos soluções customizadas de logística integrada.***

Av. Nilo Peçanha 11 - Grupo 405, Rio de Janeiro, Brasil - 20.020-100
Tel +55 21 3095-6600 | Fax + 55 21 2262-9486
contato@multiterminais.com.br

www.multiterminais.com.br

MOTTA, FERNANDES ROCHA

ADVOGADOS

Áreas de Atuação

- Administrativo
- Aeronáutico
- Arbitragem
- Bancário
- Concorrencial
- Constitucional
- Contencioso
- Contratos
- Energia, Óleo e Gás
- Família e Sucessões
- Financiamentos, Operações Financeiras Estruturadas e Fundos de Investimento
- Fusões e Aquisições
- Imobiliário
- Infraestrutura e Financiamento de Projetos
- Mercado de Capitais
- Previdenciário
- Private Equity
- Propriedade Intelectual
- Reestruturação e Recuperação de Empresas
- Regulatório
- Seguros
- Societário
- Telecomunicações
- Trabalhista
- Tributário e Planejamento Fiscal

WWW.MFRA.COM.BR

RIO DE JANEIRO

Av. Almirante Barroso, 52 - 5º andar Centro CEP 20031-000

Rio de Janeiro RJ Brasil Tel +55 (21) 2533 2200 | 3257 2200 | Fax +55 (21) 2262 2459

SÃO PAULO

Alameda Santos, 2335 - 10º, 11º e 12º andares Cerqueira César CEP 01419-002

São Paulo SP Brasil Tel +55 (11) 3082 9398 | 2192 9300 | Fax +55 (11) 3082 3272